

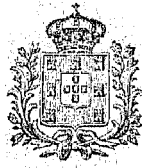
MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

BOLETIM DA DIRECCÃO GERAL DE AGRICULTURA

RAIVA NA MADEIRA EM 1892

QUINTO ANNO

N.º 2



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1893

Dr. LR

SUMMARIO

Raiya na Madeira, em 1892.....	PAGE. 29
--------------------------------	-------------

RAIVA NA MADEIRA, EM 1892

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Encarregado pelo governo de ir á Madeira estudar a conveniencia de estabelecer no Funchal um instituto anti-rabico, o primeiro dever que se me impunha era procurar conhecer se a doença que victimou os caninos era ou não a raiva.

Não mui difficil se pôde afigurar tal tarefa, hoje que são conhecidos os preciosos meios experimentaes que nos fornecem as inoculações em coelhos de uma emulsão do cerebro, e mais intensamente do bolbo rachidiano.

Por tal fórma, porém, encontrei dividida, não só a opinião publica, como tambem a opinião de medicos do Funchal, todos elles muito distinctos, que facil me foi conhecer desde logo a necessidade de proceder de fórma a poder estabelecer um diagnostico, que por todos fosse acceito, não por deferencia ou condescendencia para quem quer que fosse, mas sim fundado em observações e trabalhos experimentaes, que levassem a todos o convencimento de que se estava em presença de uma determinada entidade morbida.

No fundo, porém, debatia-se uma questão, como principal, a qual era, se havia ou não raiva na Madeira? Foi, pois, esse o ponto que principalmente prendeu a minha attenção.

Diversos podiam ser os meios a empregar para chegar ao conhecimento exacto de ponto tão controverso á minha chegada ao Funchal, 8 de outubro.

O que desde logo se impunha era a observação de cães vivos, mas atacados da doença, que se dizia reinar nos animaes da especie canina, e foi tambem esse o meu primeiro desejo, porém, contrariado pela impossibilidade de os encontrar.

Como, porém, á minha chegada ao Funchal, encontrasse um cão morto, e ácerca do qual havia suspeitas de que houvesse sido victimado pela raiva, n'esse mesmo dia lhe foi feito o exame necroscopico, ficando para o dia immediato a inoculação em coelhos com uma emulsão do bolbo do mesmo animal.

Em 9 de outubro foram inoculados tres coelhos com emulsão do bolbo do cão que tinha morrido em 8, sendo um sob a dura-mater e dois na camara anterior do olho. D'estes coelhos, o que na relação está com o n.º 4 apresentou-se triste e com irregularidade de movimentos em 19 de novembro, manifestando-se-lhe a paralyisia geral em 20 e morrendo em 21. O exame necroscopico não revelou mais do que a congestão das meninges e do cerebro.

A doença teve n'este coelho uma incubação de quarenta dias.

Com a emulsão do bolbo d'este coelho foi feita em 21 de novembro uma inoculação intra-craniana no coelho n.º 45, o qual em 14 de dezembro appareceu paretico, manifestando-se-lhe em 15 a paralyisia geral e morrendo em 16.

A autopsia apenas revelou congestão nas meninges e no cerebro. A incubação foi pois de vinte e tres dias. Com a emulsão do bolbo d'este coelho foram inoculados em 16 de dezembro, sob a dura-mater o coelho n.º 57, e intra-ocular o n.º 58. O n.º 57 apresentou-se triste em 24 de dezembro e foi encontrado morto em 25 sem que a autopsia revelasse a existencia das lesões explicativas da morte. O n.º 58 começou a apresentar irregularidade nos movimentos em 2 de janeiro de

1893, augmentando em 3; apresentou-se paralytico em 4 e morreu em 5. A autopsia revelou ligeira congestão no estomago e no intestino delgado e pontos congestivos no estomago.

O segundo coelho com o n.º 5 está ainda vivo. O terceiro com o n.º 6, que havia soffrido a inoculação intra-cranearna, foi encontrado morto em 31 de outubro, prescindindo-se d'elle, apesar da autopsia não lhe ter revelado mais do que ligeira congestão nas meninges.

À minha chegada ao Funchal encontrei entre outros tres coelhos que em 24 de setembro tinham sido inoculados na camara anterior com emulsão do bolbo de um homem, que por alguns medicos do Funchal foi considerado como victimado pela raiva, tendo deixado de o ser por outros. D'estes coelhos, que na relação figuram com os n.ºs 1, 2 e 3, está ainda vivo o n.º 3, e os outros dois morreram com symptomas rabicos.

Do n.º 1 morto em 14 de outubro, com uma incubação de dezeseite dias, fez-se uma emulsão do bolbo com que foram inoculados em 15 de outubro os coelhos n.ºs 7, 8 e 9.

D'estes, os n.ºs 7 e 8 inoculados sob a dura-mater, morreram em 18 de outubro de septicemia.

O n.º 9 foi encontrado morto em 31 de outubro, estando ainda bom na vespera, sem que na autopsia mostrasse lesões que explicassem satisfactoriamente a morte. Teve, pois, a doença n'este coelho uma incubação de quinze dias.

Com o bolbo d'elle foi em 31 de outubro inoculado por trepanação o coelho n.º 22, que em 16 de novembro apresentou paresia do terço posterior, manifestando-se-lhe a paralyisia em 18, que depois se generalizou, morrendo em 20.

A autopsia mostrou congestão das meninges e do cerebro, um coagulo no 4.º ventriculo e collecção purulenta na bexiga.

Com emulsão do bolbo d'este coelho foram feitas inoculações nos animaes que na relação junta figuram com os n.ºs 41, 42, 43 e 44, e que são os seguintes:

N.º 41, cobaya, inoculação intra-ocular; ainda está viva.

N.º 42, coelho que em 7 de dezembro apresentou irregularidade nos movimentos, symptoma que se exaggerou nos dias 8 e 9, e que em 10 foi encontrado morto. Teve a doença a incubação de dezeseis dias. A autopsia mostrou congestão nas meninges e no cerebro e coccidiase no mesenterio.

N.º 43, cão em que foi feita uma inoculação intra-venosa na saphena externa com 1.º de emulsão e outra sub-cutanea com igual porção. Está ainda vivo (26 de dezembro).

N.º 44, coelho que soffreu a inoculação intra-ocular com a mesma emulsão. Vivo ainda em 20 de dezembro. Morreu em 5 de janeiro de 1893. Em 3 apresentou-se paretico do terço posterior, em 4 veio-lhe a paralyisia, que se generalizou e morreu em 5. A autopsia mostrou apenas hyperemia cerebral e meningea.

Do coelho n.º 2, morto com symptomas rabicos, e cuja doença teve uma incubação de trinta e um dias, fez-se uma emulsão do bolbo com a qual, em 29 de outubro, se fez uma inoculação intra-cranearna no coelho n.º 21, o qual se mostrou triste em 15 de novembro, apresentando-se paretico do terço posterior em 16, paralytico do mesmo terço em 18, paralyisia generalizada em 20, morrendo em 21, tendo a doença tido uma incubação de dezeseite dias.

A autopsia mostrou ligeira congestão do intestino delgado, um pouco mais intensa nas meninges e collecção purulenta na bexiga. Com emulsão do bolbo d'este coelho foi feita em 23 de novembro uma inoculação intra-ocular no coelho n.º 46, que ainda está vivo (20 de dezembro). Com o pús da bexiga foi feita uma inoculação sub-cutanea na parte interna da coxa da cobaya, com o n.º 47. Está viva e em perfeito estado hygienico.

Com sangue do coração do coelho n.º 7, morto de septicemia, foi feita uma inoculação sub-cutanea no coelho n.º 10, este coelho porém desapareceu.

No coelho n.º 11 foi feita em 16 de outubro uma inoculação intra-peritoneal com cultura em caldo do sangue do cão morto em 8 de outubro.

No coelho n.º 12 foi também feita em 18 de outubro uma inoculação intravenosa com cultura igual á do n.º 11. Ambos morreram de septicemia em 19 de outubro. Em 20 de outubro, achando-me eu ausente do Funchal, appareceu um porco com symptomas, que pelo meu collega o sr. veterinario do districto do Funchal foram apreciados como rabicos; e tendo morrido este animal em 21, n'esse mesmo dia pelo mesmo funcionario foram feitas inoculações intra-oculares em tres coelhos com emulsão do bolbo do referido porco.

D'estes tres coelhos, o n.º 13 apresentou-se triste e com irregularidade de movimentos no dia 5 de novembro, morrendo com paralysisa geral em 6.

O exame necroscopico não mostrou mais do que ligeira congestão renal. Teve a doença uma incubação de quinze dias. Com emulsão do bolbo d'este coelho foi inoculado sob a dura-mater o coelho n.º 27 e na camara anterior do olho o n.º 28.

O n.º 27 apresentou-se com irregularidade nos movimentos dos membros posteriores em 21 de novembro, vindo a paresia dos mesmos membros em 22 e paralytico em 24, estado em que morreu em 26.

Houve, portanto, uma incubação de quinze dias. O outro coelho com o n.º 28, também inoculado em 6 de novembro, está ainda vivo.

Com emulsão do bolbo do coelho n.º 27 foram inoculados na camara anterior do olho o coelho n.º 49 e o cão que tem o n.º 48. O coelho em 18 de janeiro de 1893 estava ainda vivo. O cão apresentou-se triste e deixou de comer em 29 de dezembro. Morreu de raiva muda em 1 de janeiro de 1893. A autopsia mostrou corpos estranhos na pharynge, no esophago e no estomago, inflammação intensa da pharynge e do estomago, nephrite.

O segundo coelho inoculado com o bolbo do porco em 21 de outubro e que tem o n.º 14 morreu paralytico em 2 de novembro, depois de uma incubação de doze dias. Apresentou na autopsia ligeira congestão nas meninges e no cerebro e collecção purulenta na bexiga.

O terceiro coelho inoculado no mesmo dia 21 de outubro com substancia da mesma proveniencia dos 13 e 14, e com uma incubação de treze dias, apresentou a paralysisa em 3 de novembro, a qual se generalizou em 4 para assim morrer em 5. A autopsia accusou a congestão das meninges e do cerebro bem como a renal, mas esta ligeira.

Com emulsão do bolbo d'este coelho foi em 5 de novembro inoculado sob a dura-mater um outro com o n.º 26, o qual appareceu paraplegico em 27 do mesmo mez e morreu completamente paralytico em 28. A autopsia não revelou mais do que ligeira congestão nas meninges.

Por occasião da minha ida a Santa Anna alli me foi possivel ver um cão doente, e que consideroi como atacado de raiva muda.

No dia em que devia retirar-me para o Funchal, 21 de outubro, tive occasião de ver um bode, que me foi apresentado como suspeito de estar enraivado, e que eu assim considerei também.

Como não pedesse alli demorar-me e como também tivesse o maximo interesse em seguir a marcha que a doença tomasse n'este animal e fiz conduzi-lo para o Funchal, onde chegou no dia 22. Pela historia progressa e pela minha observação tive conhecimento da marcha da doença até 21, dia em que me foi apresentado, e do quadro symptomatologico manifestado até á morte.

Ninguem deu conta d'elle ter sido mordido, mas havia d'isso desconfiança, porque o seu dono para elle pastar costumava prendel-o a uma estaca em um

pequeno campo, e alguns dias antes d'elle adoecer, sem que podessem precisar o numero, mas mais de vinte, tinham sido mortos nas proximidades dois cães julgados enraivados.

Notou o dono do animal que este ao recolher no dia 19 não estava tão farto como de costume, apresentando-se ao mesmo tempo triste; no dia 20 augmentou esta tristeza e comeu muito pouco, no dia 21, em que eu o vi, manifestava elle os seguintes symptomas: grande tristeza, perda completa do appetite, baba abundante, pulso frequente e pequeno, respiração pequena frequente e difficil, temperatura elevada, constipação de ventre, anuria, olhar fixo e espantado, bôca entre-aberta, paralyisia dos musculos da garganta, difficuldade nos movimentos, irritabilidade, investindo com os animaes, sobretudo com o cão. No dia 22 exaggerou-se a maior parte d'estes symptomas e appareceu a paresia do terço posterior.

No dia 23 sobreveiu a paralyisia geral, morrendo na manhã de 24.

A autopsia mostrou grande accumulção de alimentos seccos nos quatro estomagos, sobretudo na pansa, congestão do intestino delgado e do mesenterio, hypertrophia do bago, ligeira congestão dos rins, sangue diffluyente e escuro, inflammção da pharynge, das meninges e do cerebro.

Perante este exame necroscopico cheguei a suspeitar de um caso de carbunculo bacteridiano. Com emulsão do bolbo d'este animal foram feitas em 24 de outubro inoculações sob a dura-mater nos coelhos n.ºs 16 e 17 e intra-ocular no coelho n.º 18. Um dos coelhos inoculados sob a dura-mater no dia 24 de outubro, o n.º 16, após uma incubação de quinze dias, começou a manifestar irregularidade nos movimentos em 8 de novembro, em 10 sobreveiu-lhe a paralyisia do terço posterior, morrendo n'este estado em 11 do mesmo mez.

A autopsia não mostrou mais do que ligeira congestão das meninges e do cerebro.

O coelho n.º 17, que soffreu inoculação igual á do n.º 16, após uma incubação de dezeseite dias, manifestou em 10 de novembro a paresia do terço posterior, sobrevindo-lhe depois a paralyisia e mais tarde a paralyisia geral, com que morreu em 14 do referido mez.

A autopsia revelou congestão das meninges e do cerebro, um coagulo no 4.º ventriculo e ligeira congestão nos rins.

Com sangue do coração d'este coelho foi feita uma inoculação sub-cutanea no coelho n.º 35, que não teve o minimo incommodo. No coelho n.º 18 foi feita uma inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do referido boê.

Após uma incubação de quarenta dias, principiou em 3 de dezembro a apresentar-se com irregularidade nos movimentos do terço posterior; no dia 4 appareceu a paresia, tornando-se depois esta geral e morrendo em 5 paralytico.

Pela autopsia apenas se conheceu ligeira congestão nas meninges e no cerebro.

Em 26 de outubro tive occasião de ver dois cães doentes, que tinham sido enviados para o commissariado de policia do Funchal.

Distinguil-os-hei com os n.ºs 1 e 2. A historia progressa das doencas d'estes dois animaes constava do seguinte: o n.º 1 começara a apresentar-se triste e não comeu em 23, em 24, podendo fugir, entrou em uma casa proxima, onde havia uma cadella amamentando uns filhos já de trinta dias, investiu, mordeu a cadella e tres cachorros, e a estes com tal furia, que a um arrancou-lhe um dos membros anteriores, a outro quasi lhe separou a cabeça do tronco, deixando morto o terceiro bem como os dois primeiros.

Este cão, na occasião em que o observei, apresentava o seguinte: olhar triste e espantado, ausencia de furias, não havia hydrophobia, inappetencia absoluta,

não havia baba, inquietação, hyperesthesia, não se excitava com a presença de outro animal, mas tocando-se-lhe com uma bengala mordida esta.

A autopsia revelou dilatação do coração, congestão intensa dos pulmões, inflamação da mucosa do estomago, havendo em alguns pontos da superficie d'esta grandes embolias e a queda do epithelio da mucosa, em todo o intestino delgado havia forte inflamação e derrame de sangue, o qual misturado com o conteúdo alimentar e com o epithelio da mucosa, que d'elle estava desprovida, constituia a melena. Nos rins notava-se uma ligeira congestão na camada medullar. Havia hyperhemia cerebral e meningeas. Inflamação na pharynge e na larynge, um pequeno abcesso purulento na prostata. Em todos os outros orgãos não foram vistas lesões apreciaveis.

Com emulsão do boldo d'este cão foi feita em 28 de outubro uma inoculação sob a dura-mater no coelho n.º 20, o qual appareceu morto em 29 do mesmo mez, devido a infecção septicemica.

O n.º 2, que morreu em 27 de outubro, tinha começado por se apresentar triste em 24, e em 25, no momento que uma pessoa da familia da casa, em que elle estava, o ia acariciar, mordeu-a, o que causou bastante estranheza por o animal ser habitualmente muito affectuoso; foi mesmo este facto que determinou a sua remessa para o commissariado de policia no dia 26 de referido mez. N'este mesmo dia ali tive occasião de o ver e observar-lhe o seguinte:

Profunda tristeza, inquietação, olhar espantado, inappetencia absoluta, hyperesthesia, excitabilidade, procurando morder á mais insignificante provocação, bôca um pouco entre-aberta, alguma baba, irritando-se quando se lhe atirava com agua, sem que houvesse hydrophobia, proximo da noite de 26 tinha perdido a hyperesthesia, augmentando um pouco a baba e tinha-lhe apparecido a paresia do terço posterior, conservava a bôca sempre um pouco aberta, o que denunciava a paralysis da pharynge.

Morreu paraplegico em 27. A autopsia mostrou hypertrophia do coração, coagulos fibrinosos n'este orgão, congestão nos pulmões, processo asphyxico, inflamação na mucosa do estomago com embolias, posto que menos fortes e abundantes do que no n.º 1, inflamação na mucosa do intestino delgado acompanhada da existencia de melena, nos rins ligeira suffusão de sangue, inflamação intensa na pharynge, corpos estranhos no estomago, pellos, pequenos bocados de madeira, algumas folhas de arvores, porém todos em pequena quantidade, hyperhemia cerebral e meningeas, e em todos os outros orgãos ausencia de lesões apreciaveis.

Com emulsão do bolbo do cão n.º 2 foi em 28 de outubro feita uma inoculação sob a dura-mater no coelho n.º 19, e com uma incubação de quatorze dias appareceu n'este em 11 de novembro a paresia do terço posterior, a qual se foi exagerando nos dias immediatos, até que em 14 do mesmo mez morreu completamente paralytico.

A autopsia mostrou congestão das meninges e do cerebro e uma ligeira inflamação do estomago com embolias, perfeitamente analogas áquellas encontradas no estomago do cão, com cujo bolbo se fez a inoculação n'este coelho.

Com emulsão do bolbo d'este coelho 19 foi em 14 de novembro inoculado sob a dura-mater o coelho n.º 34, que após uma incubação de quinze dias começou no dia 29 a apresentar irregularidade nos movimentos, marcha vacillante; em 30 já havia a paresia dos membros posteriores, sobrevindo a paralysis dos mesmos em 1 de dezembro, a qual se foi generalizando para morrer completamente paralytico em 3 d'este mez.

A autopsia mostrou manchas echimoticas e embolias no estomago, congestão na pharynge, na larynge e nos rins, mais intensa no intestino delgado, nas me-

ninges e no cerebro. Ligeira coccidiase. Com emulsão do bolbo d'este coelho foi inoculado em 3 de dezembro sob a dura-mater o coelho n.º 51, que após um praso de dezeseite dias se apresentou triste e paretico em 20, morrendo com paralytia geral em 21.

A autopsia apenas revelou ligeira congestão no cerebro e nas meninges.

Ainda com emulsão do bolbo do coelho n.º 34 foi em 3 de dezembro inoculado na camara anterior do olho um cão, que ainda está vivo (18 de janeiro de 1893).

No dia 16 de novembro de 1892 constou no Funchal que no sitio de Massapez, freguezia de Porto da Cruz, havia na vespera morrido uma rapariga atacada de raiva.

Como a esse tempo houvesse grandes divergencias entre a classe medica do Funchal ácerca da diagnose da raiva no homem da Achada e de uma creança, entendendo eu não dever perder qualquer occasião, que por acaso se me offercesse para poder convencer os medicos que não queriam acreditar na existencia da raiva na ilha, visto que a esse tempo já eu tinha a plena convicção que esta terrivel doença tinha entrado na Madeira e já havia victimado mais do que uma pessoa, dirigi-me ao governador civil, o ex.^{mo} sr. conselheiro Luiz de Tavora, para que mandasse proceder á autopsia da rapariga e á extracção do cerebro, ordenando ao mesmo tempo que para o Funchal elle fosse enviado, a fim de se poderem fazer inoculações experimentaes em coelhos, ao que s. ex.^a da melhor vontade accedeu, revelando mais uma vez o seu cuidado e empenho na resolução de assumpto tão momentoso. Como a rapariga não tinha sido assistida durante a doença por nenhum facultativo, e como se soube que o enterramento devia ter logar no dia 17, expediu o ex.^{mo} governador civil a um medico um telegramma, concebido proxivamente nos seguintes termos: «Peço faça autopsia tão completa quanto possivel e procure conhecer a historia da doença. Envie cerebro».

Effectivamente no dia 17 foi feita a autopsia e no dia 18 recebeu-se no Funchal um frasco com o cerebro, tudo acompanhado de um relatorio do facultativo, o qual era do teor seguinte:

«Procedendo hontem pelas tres horas da tarde á autopsia do cadaver de Maria Vieira, filha de José Vieira Bacellos, de quatorze annos completos de idade, natural do sitio de Massapez, freguezia do Porto da Cruz e ahi residente, verifiquei a existencia de diferentes placas de Peyer tumefeitas e algumas d'ellas mesmo já em via de ulceração.

«Estas placas ulceradas situadas no intestino delgado (no ileum) muito perto da valvula, ileocecal, levam-me a crer que a rapariga foi victima de uma febre typhoide, sendo o meu diagnostico confirmado não só pelas lesões anatomo-pathologicas como tambem pela historia da doente, historia esta que me foi contada pelo proprio pae da defunta. Interrogado José Vieira declarou que a sua filla começára a adoecer na quarta feira para quinta 10 do corrente, queixando-se de um certo mau estar geral, tremores de frio, nauseas, dores de cabeça e alguma febre. Estes symptomas foram augmentando até que no domingo 13 caiu de cama. Então a febre era cada vez mais intensa, chegando mesmo a delirar, dizendo palavras mais ou menos incoherentes. Tambem tinha o ventre um tanto tumefeito e doloroso.

«Esta descripção, pois, não me deixa duvida alguma a fim de ter podido apresentar o diagnostico juntamente ainda com as intensas seccuras que a doente tinha, e completa falta de appetite.

«No mez de setembro do corrente anno foi mordida por um cão no labio superior, lado esquerdo, sendo a mordedura insignificante e tendo cicatrizado pouco tempo depois, deixando-lhe apenas leves vestigios.

«18 de novembro de 1892.—(Assinatura.)»

Não pretendo analysar este documento, mas o que devo frisar é o facto d'elle ser tão incompleto, mórmente tendo-lhe sido pedido que fizesse a autopsia tão completa quanto possível. A rapariga adoeceu em 10 e morreu em 15 de outubro. Em presença d'elle, porém, graves duvidas se apresentaram ao meu espirito, e como tinha uma parte do cerebro da rapariga fiz inoculações com emulsões do mesmo, e foram ellas as seguintes:

No coelho n.º 38 intra-craneana em 19 de novembro, o qual, depois de uma incubação de quatorze dias, principiou em 3 de dezembro a manifestar ligeira irregularidade nos movimentos do terço posterior e marcha vacillante; estes symptomas exaggeraram-se no dia 4 e n'este dia deixou de comer; em 5 appareceu-lhe a parestesia nos quatro membros, em 6 manifestou a paralyisia do terço posterior, que logo se generalizou para morrer em 7 completamente paralytico.

A autopsia mostrou ligeira congestão das meninges, manchas echymoticas com embollias no estomago.

Com emulsão do bolbo d'este coelho foi em 7 de dezembro inoculado na camara anterior do olho um outro como n.º 55, o qual, com uma incubação de quinze dias, principiou a apresentar-se triste e sem appetite em 22, encontrado paralytico em 23 e assim morreu em 24.

A autopsia accusou ligeira congestão do cerebro e das meninges e quatro manchas com embollias no estomago.

Um outro coelho inoculado no mesmo dia e com a mesma substancia com que foi o n.º 55 e que tem o n.º 56, com uma incubação de treze dias começou a apresentar-se triste em 20 de dezembro e com irregularidade de movimentos; em 21 manifestou-se a paralyisia geral e assim morreu em 22.

A autopsia mostrou congestão do cerebro e das meninges e algumas manchas com embollias no estomago.

O coelho n.º 40 soffreu a mesma inoculação que o n.º 38, porém morreu no dia immediato devido a accidente da operação.

Em 3 de dezembro, devido á amabilidade do ex.^{mo} sr. Tito Bianchi, tive conhecimento de que havia no Funchal uma mulher, para visitar a qual elle tinha sido chamado como medico, e que elle me disse suspeitar de que se tratasse de um caso de raiva. N'esse mesmo dia conjunctamente com o ex.^{mo} sr. dr. João Teixeira tive occasião de ver a doente, e, posto este senhor não acceitasse sem reserva o diagnostico de raiva, por não ser um caso perfeitamente typico, eu sai d'alli com plena convicção de que era bem a raiva de que se tratava.

No momento em que vi a doente apresentava ella a seguinte symptomatologia: irritabilidade, hydrophobia, acrophobia, paralyisia incompleta do braço direito, sede, olhar fixo e espantado, inappetencia, spasmos reflexos na garganta, ansiedade precordial, constipação do ventre, anuria, hyperestesia, salivação abundante e vomitos. No dia immediato constou-me ter ella tido o aggravamento de alguns d'estes symptomas e ligeiros ataques de furia; morrendo n'este mesmo dia ás doze horas da manhã. Foi autopsiada no dia 5 de dezembro, e o exame necroscopico mostrou a existencia de congestão dos vasos superficiaes do cerebro e ligeira das meninges, processo asphyxico nos dois pulmões, mais intenso nos lobulos inferiores e sobretudo do pulmão esquerdo, estomago ligeiramente congestionado, intestino delgado congestionado sobretudo na tunica mucosa, liquido viscoso e escuro parecendo borra de café, hemorrhagia.

Com emulsão do bolbo d'esta mulher foi feita em 5 de dezembro uma inoculação intra-craneana no coelho n.º 52 e uma outra intra-ocular no coelho n.º 53.

O n.º 52, depois de uma incubação de onze dias apresentou-se triste e com movimentos irregulares no terço posterior no dia 16, apparecendo paraplegico em

17 e com paralysisia geral em 18, morrendo assim em 19. A autopsia apenas revelou hyperemia cerebral e meningea.

O n.º 53, com uma incubação de treze dias, manifestou em 18 de dezembro irregularidade nos movimentos do terço posterior, em 19 estava paraplegico e em 20 tinha a paralysisia geral, com que morreu em 22. A autopsia apenas revelou congestão das meninges e do cerebro e manchas embolicas no estomago. Sobre os grandes psôas havia dois tuberculos.

Com a mesma emulsão foi tambem em 5 do mesmo mez feita uma inoculação intra-ocular e outra sub-cutanea n'um cão, que, depois de uma incubação de quatorze dias, se mostrou triste e sem querer comer, na tarde de 20 já estava paralytico, conservando-se n'este estado até 22, dia em que morreu. Não lhe foi visto nenhum ataque de furia. Pela autopsia reconheceu-se a existencia de corpos estranhos na pharynge, no esophago e no estomago, sem que n'este orgão houvesse inflamação. Todos os outras orgãos estavam em estado normal.

Em 14 de outubro de 1892 José de Gouveia, de doze annos, filho de Manuel de Gouveia, do concelho do Funchal, freguezia de S. Pedro, sitio de S. João, foi mordido por um cão no pulso direito; pouco tempo depois, menos de meia hora, foi cauterisada a ferida.

Pelas doze horas da noite de 8 de dezembro principiou a queixar-se de formigueiros e dores no braço direito.

As onze horas da manhã do dia 10 começou a queixar-se de dores na garganta e a não poder beber agua; este estado aggravou-se, e á uma hora da tarde de 11 deu entrada no hospital, apresentando a symptomatologia seguinte: arripios, spasmos na garganta, photophobia, aerophobia, hydrophobia, olhar fixo e espantado, hyperesthesia geral, irritabilidade, conservando, porém, todos os movimentos livres.

Depois das onze horas da noite de 11 perdeu o uso da rasão, apresentando allucinações intermittentes, salivação abundante; fugiu da cama e do quarto, sendo necessario sujeital-o para evitar que saísse das salas do hospital.

As seis horas da manhã do dia 12 appareceu a paresia nos membros inferiores; ás onze estendeu-se ao membro thoracico direito, tornando-se a dos membros inferiores em paralysisia pelas duas horas da tarde do mesmo dia, em que tambem havia baba abundante, bem como accessos de furia, chegando a ameaçar o pae de o morder se este lhe tocasse; ás sete horas da tarde caiu em estado comatoso, morrendo ás nove horas da noite. A autopsia mostrou ligeira congestão nos pulmões, hemorragia no estomago, o que dava logar a que o sangue misturado com outros liquidos existentes n'este orgão apresentasse o aspecto de pé de café, tão mencionado nos diversos artigos escriptos sobre a raiva. Não foram vistas mais nenhuma outras lesões importantes. A morte veio, pois, por syncope cardiaca.

Foi este um dos casos perfeitamente typicos, em que o cortejo symptomatologico se manifestou todo e seguindo uma marcha absolutamente definida e caracteristica.

Casos d'estes não são muito frequentes, porque na generalidade esta doença não percorre todos os periodos com uma precisão e nitidez tão completas como succedeu com este exemplo. Este caso clinico tão claro teve n'esta occasião um alto valor, porque fez com que os medicos mais renitentes em acreditarem na existencia da raiva na Madeira tivessem de capitular perante a prova irrefragavel fornecida pela pobre victima.

Mais um caso de raiva foi conhecido em Machico.

Antonio Fernandes, de dezeseis annos, que tinha sido mordido por um cão em 9 de outubro de 1892, falleceu de raiva em 27 de dezembro do dito anno. Até aqui tenho-me limitado unicamente a expor os casos de raiva que, segundo

o meu conhecimento, tem havido na especie humana, bem como os resultados das experiencias a que procedi por meio das inoculações experimentaes em coelhos.

Como já disse, o que se me impunha era o exame de cães atacados da zoonose, que grassou na Madeira; mas existindo essa zoonose desde alguns mezes antes da minha chegada a esta ilha, e rareando o numero de caninos, o que, por circumstancias alheias á minha vontade, me impossibilitou de poder fazer esse exame em avultado numero de animaes d'esta especie, devo declarar que empreguei os meios ao meu alcance para obter exemplares da enfermidade que se dizia victimar os cães da ilha.

Nem os pedidos e ordens emanadas do governo civil ás auctoridades dos diversos concelhos do districto, nem os meus pedidos feitos a particulares, nem mesmo o conhecimento que se deu ás diversas auctoridades de que eu pagava as despezas com o transporte de cães vivos, mas doentes, para o Funchal, surtiram os effectos que se desejava, e que aliás deveria esperar-se, pois que apesar de tudo isto apenas tive occasião de ver um limitado numero de cães doentes, dos quaes apenas considerei um como enraivado, outro como pouco suspeito e o terceiro como não enraivado.

D'estes animaes, o que foi considerado como enraivado, e que figura com o n.º 2, estava effectivamente infeccionado pela raiva, o que foi provado pelos resultados da inoculação experimental, feita com emulsão do bolbo do mesmo cão no coelho n.º 19, d'este transmittida ao n.º 34, e d'este ao n.º 51.

Com emulsão do bolbo do cão; que figura com o n.º 1, foi tambem feita uma inoculação no coelho n.º 20, porém este animal foi encontrado morto no dia immediato áquelle em que tinha sido inoculado.

Um outro cão enviado vivo de Santa Cruz, e alojado no deposito municipal, que estava doente, mas que não foi considerado como enraivado, e cuja doença se não manifestava por symptomas claros e bem accentuados, foi encontrado morto dois dias depois de entrado no referido deposito, e por informações que me foram dadas pelo guarda da policia civil, encarregado de vigiar e cuidar dos cães alli alojados, tive conhecimento de que lhe haviam ministrado strichnina.

A autopsia revelou a existencia de filarias no coração e de algumas ascariides no intestino delgado.

Ora, é de notar que este cão, ainda novo, oito a dez mezes, tinha mordido uma pessoa, mas o facto de um cão com verminose morder não é raro, antes pelo contrario é frequente.

D'estes tres cães só poude ser reconhecido experimentalmente como enraivado aquelle que figura com o n.º 2, visto que, dos outros dois, um foi morto pela strichnina e outro não poude fornecer a prova experimental, por ter o coelho, em que ella foi tentada, morrido no dia immediato á inoculação.

As diversas inoculações experimentaes, praticadas em coelhos e cães, foram feitas com emulsões de bolbos das proveniencias seguintes:

- 1.º Do homem da Achada.
- 2.º Do cão morto em 8 de outubro de 1892.
- 3.º Do cão n.º 2.
- 4.º Do porco.
- 5.º Do bode.
- 6.º Da rapariga de Porto da Cruz.
- 7.º Da velha do Funchal.

O homem da Achada tinha sido mordido por um cão.

O cão morto em 8 de outubro não tem uma historia segura em relação á mordedura, mas sabe-se que elle esteve em contacto com dois cachorros, mortos com doença, que se suppoz ser a raiva, e que haviam sido retirados de junto da mãe,

por n'esta, ainda durante o periodo de aleitamento d'estes, se ter manifestado a raiva.

Ha ainda um outro esclarecimento importante relativo ao referido cão, o qual é ter caçado com elle durante algumas horas um cão que n'esse mesmo dia foi considerado como enraivado. Estes esclarecimentos teem uma grande importancia para se poder ter a explicação do modo por que teve logar a infecção, o que não poucas vezes é de difficil averiguação.

Do cão n.º 2 nada se poudo conhecer ácerca do facto de ter n'elle sido feita alguma mordedura.

Do porco sabe-se que havia sido mordido por um cão em 10 de julho, o que veio a morrer com symptomas rabicos em 21 de outubro; portanto com uma incubação de cem dias proxivamente.

As inoculações do bolbo d'este animal, feitas em coelhos, provaram exuberantemente que elle estava enraivado.

Estas observações teem uma grande importancia, porque o cão que em 10 de julho tinha mordido o porco, havia tambem mordido uma creança que em 21 de agosto morrerá, e que havia mostrado um quadro symptomatologico, se não completo da raiva, ao menos de natureza a fazer com que alguns medicos os tivessem como indicativos da raiva, mas que outros contestaram.

No bode não foi vista mordedura alguma, mas sabe-se que, costumando elle pastar n'un local limitado, ahi tinha andado tempos antes um cão que foi considerado como enraivado.

Da rapariga de Porto da Cruz sabe-se que ella tinha sido mordida por um cão no mez de setembro ultimo, e conhecidos os resultados das inoculações com emulsão do cerebro da dita rapariga, conjunctamente com a historia da doença cullida por um facultativo, parece-me perfeitamente esclarecido este ponto; tanto mais que as conclusões pelo mesmo tiradas são pouco sustentaveis, sem duvida por filiadas em menos rigorosa interpretação das lesões por elle observadas no exame necroscopico a que procedeu.

Segundo o relatorio apresentado, uma das cousas, vê-se claramente, que muita influencia teve no animo do dito facultativo para ter considerado a rapariga como victimada pela febre typhoide, foi sem duvida a historia da doença, que lhe foi contada pelo pae da victima, que foi a seguinte: «A rapariga começára a adoecer na quarta feira para quinta, 10 de novembro, queixando-se de um certo mal estar geral, tremores de frio, nauseas, dores de cabeça e alguma febre. Estes symptomas foram augmentando até que no domingo 15 caiu de cama. Então a febre era cada vez mais intensa, chegando mesmo a delirar, dizendo palavras mais ou menos incoherentes. Tambem tinha o ventre um tanto tumefeito e doloroso».

Por esta descripção se vê que a rapariga principiou a sentir-se doente no dia 9 de novembro e que morreu em 15; logo a doença teve uma duração de seis dias. Todos estes symptomas apparecem mais ou menos frequentemente na raiva, e por outro lado não me parece accetivel o facto de uma febre typhoide matar em seis dias incompletos, e tambem encontrarem-se as placas de Peyer já em via de ulceração, quando os conhecimentos adquiridos até hoje mostram que o processo ulcerativo das ditas placas só começa depois do decimo dia, e o tempo que a rapariga esteve doente está apenas comprehendido no primeiro periodo, ou entarrhal.

Tambem não é crível que tendo sido pedida uma autopsia tão completa quanto possivel, tivesse passado despercebido o estado do baço, do estomago e da laringe, sem já querer fallar do figado, dos pulmões, das pleuras, do coração e sobre tudo dos rins, que muitissimo raramente deixam de ser atacados tanto no seu volume como na côr. Se se tratasse de uma febre typhoide alguns d'estes orgãos esta-

riam modificados de modo a impressionar quem procedia á autopsia. Nada se disse tambem do estado do encephalo, e contudo a parte d'este, que foi enviada, mostrava a congestão dos vasos superficiaes.

Na maior parte dos casos de febre typhoide a morte é devida a complicações sobrevindas; porém, no primeiro periodo, são ellas raras e pouco graves.

Nos periodos secundarios já estas complicações teem gravidade, e no aparelho digestivo podem ellas ser no estomago, que se accusam por vomitos e dores fortes na região epigastrica, e a autopsia revela então grandes alterações no estomago, como são a inflammação, infiltrações, thromboses e ulcerações. Sem duvida que nenhuma d'ellas existia, aliás não ficaria despercebida.

Nos intestinos póde dar-se o mesmo, e então quasi sempre ha as perfurações das suas paredes, o que occasiona a saída das substancias feccas, as quaes motivam uma peritonite, que se traduz por dores fortissimas acompanhadas de soluços. Tambem uma d'estas complicações não deixaria de ser notada na autopsia. A hemorragia intestinal, bastante frequente depois do primeiro periodo, difficilmente escaparia á observação. Todas estas complicações, porém, só sobreveem bastante depois do primeiro periodo, e a rapariga, pelo tempo que esteve doente, nem no segundo podia ter chegado a entrar.

Límito-me á apreciação do que se refere ao aparelho digestivo, por ser só n'elle que a autopsia feita indica lesões. Se ainda se encarar a doença debaixo das fórmulas com que ella se póde apresentar, as mesmas difficuldades existem para aceitar o facto da rapariga ter sido victimada pela febre typhoide.

O typho *ambulatorius* não podia ser, porque a rapariga, caindo na cama em 13, apenas em 10 se tinha principiado a queixar, tendo até então estado sem o minimo soffrimento.

O typho *levissimus* está fóra de toda a apreciação. A dothienteria hemorrhagica tambem sabemos que não foi, porque a autopsia nenhum vestigio encontrou.

Nem das cardiacas ou pneumonicas tambem foi indicada na mesma autopsia lesão alguma. Pela historia da doença não ha indicação do quadro symptomatologico que acompanha a fórmula ataxica ou adynamica, ou melhor, das duas reunidas, como quasi sempre acontece ellas andarem juntas.

A fórmula septicemica tambem não, porque ella deixa sempre lesões nos pulmões, no eixo cerebro-spinal e sobre tudo no baço, o que tambem não está indicado no relatorio da autopsia.

Parece-me, pois, que a hypothese da rapariga ter sido victimada pela febre typhoide está perfectamente abandonada, tanto mais que a inoculação em coelhos com emulsão do cerebro conferiu a esses coelhos a raiva com os symptommas característicos de tal enfermidade n'estes animaes, e após um periodo de incubação, que, do meu conhecimento, em mais nenhuma outra doença tem logar.

A velha do Funchal tambem tinha sido mordida por um gato em 5 de setembro, tendo tido por isso a doença uma incubação de tres mezes proximamente.

Vê-se, pois, que foi possivel reconhecer a existencia da raiva nas proveniencias seguintes:

- 1.º Homem da Achada.
- 2.º Cão morto em 8 de outubro de 1892.
- 3.º Cão n.º 2.
- 4.º Porco.
- 5.º Bode.
- 6.º Rapariga de Porto da Cruz.
- 7.º Velha do Funchal.

Foi, porém, ella perfectamente reconhecida no rapaz que morreu no hospital civil do Funchal, e n'um outro rapaz de Machico.

N'estes dois casos não se fizeram inoculações experimentaes por já não haver necessidade d'ellas, visto que já por todos os medicos do Funchal estava acceita a existencia da raiva, e para mim desnecessaria tambem se tornava, porque d'essa existencia eu estava já certo desde principios de novembro, pelo menos.

Rompeu a raiva no Funchal com o character epizootico, mas este facto não deve impressionar, porque não é esta a primeira epizootia de raiva conhecida.

As condições de vida nos caninos da Madeira, antes da appareição de tal enfermidade era tudo que se póde imaginar de mais favoravel, para que não mais do que um cão enraivado podesse transmitir a doença a um grande numero de outros. Foi isso provavelmente o que aconteceu. Os cães, em extraordinario numero em toda a ilha, vagabundavam livremente por campos e povoações, inclusivamente pelo Funchal; por isso, um apenas enraivado, tinha campo para fazer larga sementeira, e digo que foi provavelmente isso que succedeu, porque não me foi possivel chegar a apurar qual o primeiro caso de raiva na ilha, tão encontradas são as versões; devo, porém, aqui declarar que me parece mais accetavel a que refere ter em maio de 1892 desembarcado no posto do Funchal um individuo inglez, que vinha em um de dois navios inglezes, que n'esse mez tocaram no referido porto, e que era acompanhado por dois cães, tendo sido visto seguido apenas por um d'esses dois animaes quando embarcava. Facilmente se concebe que, demorando-se elle algumas horas em terra, um dos cães se perdesse ou por qualquer motivo se transviasse, e que, trazendo a raiva incubada, na occasião d'ella se manifestar, mordesse outros animaes, os quaes contrahindo-a em seguida a transmittissem. Pelas affirmações categoricas que me foram feitas parece-me não haver duvida de que o dito inglez entrou no Funchal acompanhado por dois cães e saiu levando apenas um. Ora, sendo estes cães animaes de estimação e muito diferentes dos que geralmente existem na ilha, deveria o que ficou procurar alojarse em qualquer casa, facto este que certamente constaria, e do qual, no entanto pessoa alguma dá conta.

Sendo possivel, e até facil, dar-se um facto d'estes, não repugna aceitar-se esta versão; comtudo não devo, por fórma alguma, assumir a responsabilidade de a garantir.

Pena é ficar esta lacuna na historia do apparecimento da raiva na Madeira, e visto que tal doença alli entrou, cuide-se por todos os meios, mesmo á custa dos maiores sacrificios, em livrar a ilha de tão terrivel flagello.

A raiva era uma doença desconhecida na ilha da Madeira até quasi ao fim do anno de 1892, por isso todos os seus habitantes foram sobresaltados quando se principiou a discutir a hypothese de ser ou não a raiva a doença que victimava os caninos da ilha e que grassava com o character epizootico.

Emquanto a mortalidade tinha logar apenas na especie canina, este sobresalto não os levava a preunirem-se contra os gravissimos perigos de tal molestia; mas adoecem duas creanças e apresentam symptomas de natureza a levarem ao espirito dos facultativos que as assistiram a difficuldade em os apreciarem satisfactoriamente para o effeito de formarem diagnostico que os satisfizesse, o que motivou serem as enfermidades que victimaram as creanças, consideradas como doenças suspeitas.

Entre a classe medica do Funchal levantou-se desaccordo ácerca da diagnose das referidas molestias, e enquanto alguns membros da referida classe opinavam pela hypothese de que deviam estes dois casos ser considerados como suspeitos de raiva, outros, e em maior numero, não accetavam este diagnostico e achavam explicação satisfactoria na existencia de outras doenças, nas quaes viam justificada a appareição dos symptomas que as victimas haviam apresentado.

Como succede a respeito de tudo, o tempo ia fazendo apagar a impressão que

uma tal discussão tendia a conservar, quando um coelho, que havia sido inoculado com emulsão do bolbo de uma d'essas creanças, morre, tendo primeiro manifestado symptomas rabicos.

Reune então a junta de saúde do districto do Funchal, e ahi continúa o desaccordo entre os medicos, querendo uns que fosse bem a raiva que tivesse victimado o coelho, querendo outros ver explicação satisfactoria dos symptomas manifestados na existencia do tetano, e havendo tambem quem se mantivesse n'um estado de duvida. Não foi esta discussão ainda de molde a alarmar o publico.

Chega o dia 22 ou 23 de setembro, e corre no Funchal a noticia de que havia n'esta cidade um homem atacado de raiva. É elle visitado por alguns medicos que não são concordes acerca do diagnostico da doença de que o homem enfermava. Este, porém, morre a 23 e então com emulsão do bolbo d'elle são inoculados alguns coelhos, tres dos quaes figuram no numero d'aquelles que eu observei e de que me servi para as inoculações experimentaes. Este caso impressionou vivamente a opinião publica, e a imprensa local não mais largou de mão assumpto tão importante, no que, aqui seja dito, prestou um relevante servico á população da Madeira, porque só d'ahi em diante principiou a haver receio dos cães, receio este que levou a matarem-se muitos apenas por serem irasciveis, tomando-se esta irascibilidade pela raiva.

Diminuiu por isso consideravelmente a população canina da ilha, e como consequencia tornou-se menor o perigo da infecção.

Vem agora um dos pontos mais importantes a estudar. Era a raiva a doença que se manifestava epizooticamente nos caninos da ilha? Para mim é fóra de duvida que sim.

Como já tive occasião de dizer, cheguei um pouco tarde para poder observar bastantes casos da doença que estava grassando epizooticamente na especie canina.

Entretanto, pelo exame dos poucos que me foi possivel fazer, veiu-me o convencimento de que era bem a raiva a doença de que se tratava. O facto d'ella grassar com o caracter epizootico não me parece dever contrariar esta opinião, porque não é unico na historia d'esta doença, e como prova cito o seguinte:

Em 1586 epizootia de raiva em Flandres, Turquia, Austria, Hungria.

Em 1604 epizootia de raiva em Paris.

Em 1759 epizootia de raiva em Londres.

Em 1763 epizootia de raiva em França, Italia e Hespanha.

Em 1776 epizootia de raiva nas Antilhas francezas. Pela primeira vez a doença alli é conhecida.

Em 1783 epizootia de raiva em S. Domingos e na Jamaica, onde esta doença era desconhecida.

Em 1803 terrivel epizootia de raiva nas proximidades dos Alpes jurassicos, estendendo-se em seguida por toda a Suissa e por differentes estados da Alemanha do Sul, como foram Wurtemberg, Gran-Ducado de Bade, Baviera, Hesse superior, Hesse inferior, Hanover e Hohenzollern. Durou, porém, esta epizootia desde 1803 a 1834, tempo que levou a propagar-se a todos estes paizes. Em 1803 grande epidemia de raiva no Perú, onde até então a doença era desconhecida.

Em 1806 epizootia de raiva em la Plata, onde era desconhecida.

Em 1806 epizootia de raiva em Douvre e proximidades. Houve muitos casos na especie humana.

Em 1810 epizootia de raiva na America do Norte.

Em 1813 epizootia de raiva na ilha Mauricio, onde não era conhecida, principalmente no estado de Ohio.

Em 1815 epizootia de raiva na Dinamarca.

Em 1824 epizootia de raiva na Suecia, e tambem na Noruega, na Russia e na Inglaterra.

Em 1840 a 1842 epizootia de raiva na Saxonia.

Em 1847 epizootia de raiva em Malta, onde era desconhecida.

Em 1851 epizootia de raiva na Allemanha do Norte.

Em 1867 epizootia de raiva em Shanghae, onde nunca tinha havido esta doenca até então.

Em 1869 epizootia de raiva em Inglaterra nos condados de Lancashire e Yorkshire, propagando-se até ás fronteiras da Escossia.

Da apreciação d'estes factos historicos resulta conhecer-se que a raiva, manifestando-se pela primeira vez em alguns pontos, tomou o character epizootico, como succedeu em la Plata em 1806, no Perú em 1803, na ilha Mauricia em 1813, em Malta em 1847 e em Shanghae em 1867. Em presenca, pois, d'estes factos, nada de estranhavel existe na manifestação do character epizootico que a doenca tomou na Madeira.

Sem duvida durante o periodo em que tem grassado a raiva, outras doengas tem accommettido alguns cães, mas com o character esporadico, como tive occasião de ver, como foi a ictericia, a verminose intestinal e a filariose cardiaca, porém em pequeno numero.

É hoje ponto seguramente assente que a raiva se não póde desenvolver espontaneamente, mas unicamente por contágio, o que me dispensa de n'este relatorio fazer quaesquer considerações a tal respeito.

Tenho na verdade profundo pezar de não ter podido chegar a apurar com segurança qual o primeiro caso de raiva na Madeira, para que não ficasse esta lacuna na historia da mesma doenca.

É, porém, certo que ella foi importada.

Sufficientemente está estudada a symptomatologia da raiva nas especies que mais nos interessam, para que eu aqui viesse mais uma vez repetil-a, se não fosse a circumstancia d'ella se não ter apresentado na Madeira, tanto na especie humana como na canina, de um modo typico e uniforme.

A falta de um caso perfeitamente typico nos individuos da especie humana, que contrahiram a raiva na Madeira, antes do rapaz do Funchal, victimado por esta doenca, foi, certamente, o que determinou a divergencia de opiniões entre a classe medica d'aquella cidade ácerca do diagnostico nos referidos individuos, ainda mesmo depois da morte do coelho inoculado com emulsão do bolbo de uma das creanças, morte que foi precedida de manifestação de symptomas rabicos.

É tambem pela mesma razão convicção minha que nos cães poderia bem succeder outro tanto. Um caso de raiva perfeitamente typico n'um cão deveria apresentar um quadro symptomatologico completo, tanto em relação ao seu numero, como á successão dos symptomas.

Como a raiva póde apresentar mais do que uma fórma, furiosa e muda, tomamos isto em consideração para a apreciação da symptomatologia.

Farei uma ligeira exposição dos symptomas da raiva no cão para mais adiante poder fazer-se a apreciação de alguns factos que se relacionam com a epizootia canina na Madeira.

No cão infeccionado de raiva apparecem todos ou parte dos symptomas seguintes: tristeza, desejo de isolar-se procurando deitar-se e esconder-se aos cantos, debaixo de mesas ou de camas, mórmente situadas em quartos escuros, demora pequena n'esta posição, levantar-se e mexer-se agitado frequentes vezes, deitar-se de novo em posição de dormir, conservando-se pouco tempo assim para de novo se levantar, o que mostra bem estar o animal em continua inquietação,

falta de obediencia prompta á voz do dono, movimentos lentos da cauda ou ausencia d'elles, olhar triste, amortecido e com pouca ou nenhuma expressão, hallucinações, somnolencia, a exaggeração da affectuosidade nos cães de luxo ou caeiros, o exagero de irritabilidade nos cães de guarda, de gado ou em quaesquer outros que habitualmente são irasciveis, n'uma palavra, todas as alterações nos habitos ordinarios do cão.

A sede nos cães infeccionados de raiva é quasi constante, e n'estes animaes não ha o que o homem quasi sempre apresenta, o horror á agua, portanto não ha hydrophobia; bem ao contrario, o cão emquanto não tem a constricção da garganta a impedir-lhe a deglutição bebe agua, o que não acontece com os solidos, para os quaes em breve perde o appetite, embora ainda possa deglutir.

Como no cão enraivado não sobrevivem apenas a perda do appetite para os solidos, mas tambem a sua depravação, é um signal de uma alta significação comer elle substancias estranhas á sua alimentação, como podem ser porções de madeira, palha, feno, estofos, etc. A baba, que nunca apparece antes de haver a constricção da garganta, tem tambem muita importancia.

A modificação no som da voz produzindo em logar do latido o uivo é tambem symptoma de altissima importancia.

A apresentação a um cão, que esteja enraivado, de um outro, produz n'elle uma acção de tal irritabilidade, que basta muitas vezes este facto para n'elle ser ter um poderoso auxiliar de diagnose.

A sensibilidade tende a diminuir progressivamente no cão enraivado até quasi extinguir-se nas ultimas horas de vida.

Muitas vezes succede que um cão mordido, nas proximidades de se lhe manifestar a raiva, lambe e coça continuamente a cicatriz proveniente de um ferimento feito por mordedura; do mesmo modo que nas outras especies, a hyperesthesia das cicatrizes apparece algumas vezes nos cães em que a raiva está proxima a manifestar-se.

Estes symptomas que acabo de indicar são aquelles que mais ou menos frequentemente se manifestam no periodo prodromico da raiva, sem que seja certo apparecerem todos, sendo mesmo a excepção elles todos se mostrarem no mesmo cão.

No cão enraivado alguns d'estes symptomas exacerbam-se e apparecem outros, logo que sobrevivem o segundo periodo da doença.

Um dos symptomas mais frequentes n'este periodo da raiva furiosa é a vontade ou talvez necessidade de morder e os accessos de furor; ha porém muitos casos em que estes symptomas se não manifestam. Ha d'isto muitos factos observados e descriptos por auctoridades no estudo da raiva do cão. Como geralmente ha a noção de que um cão enraivado apresenta sempre manifestações de furor e vontade de morder, apparecendo um que não exhiba essas manifestações deixa de ser considerado como tal apesar d'elle estar infeccionado pela raiva. E conveniente tambem é saber-se que na maior parte dos cães enraivados os accessos de furor são provocados por differentes causas de excitação e de irritabilidade a que elles se vêem expostos.

Um cão perfeitamente enraivado, mas alojado em local isolado e não vendo homens ou animaes, não tem accessos de furia senão muito excepcionalmente.

A physionomia do cão enraivado é profundamente modificada; o olhar franco, nobre e affectuoso é substituído por um outro triste, feroz e sombrio; as pupillas extremamente dilatadas deixam ver por momentos um aspecto terrivel.

No periodo de excitação a vista de um outro cão provoca accessos furiosos, mordendo tudo que pôde até as proprias grades de ferro que porventura tenha a porta do compartimento em que elle esteja alojado. Se, porém, não está preso

é principalmente contra os animaes que encontra que dirige os seus ataques; assim o cão de gado é contra os carneiros, ovelhas, bois ou vaccas que se lança, o de caça contra os outros cães, e bem longe de trazer a caça ao dono, morde-a, despedaça-a sem a comer; o cão de casa, no periodo de furia, morde todas as pessoas.

Ha, porém, muitos casos do cão com raiva furiosa poupar e conservar-se sempre obediente á voz do dono.

O cão enraivado tende a fugir de casa, mas muitas vezes volta, se a paralytia não chega antes d'elle o fazer.

A raiva furiosa termina sempre pela paralytia, e é raro que esta não comece pelos membros posteriores.

Quando este symptoma sobrevem tem o cão entrado no ultimo periodo da doença, e a sua physionomia toma uma expressão especial de ferocidade e tristeza, que é difficil descrever, mas cuja impressão se conserva facilmente depois de se ter visto uma só vez que fosse.

Não poucas vezes succede vir a paralytia da maxilla inferior, que se mantem pendente, juntar-se á retracção dos olhos no fundo das orbitas, á pouca ou nenhuma transparencia da cornea e á abundancia nos olhos de um liquido amarelado sero-purulento.

Entrado o animal n'este periodo deixa de uivar e de latir, e se por mui rara excepção o faz alguma vez é com uma voz muito fraca e rouca.

E n'este periodo que a baba se torna abundante e suja. A proporção que este periodo da doença se vae prolongando, vae tambem o animal caindo n'um estado comatoso, no qual morre.

A observação de todos estes symptomas habilitam, quasi sem receio de erro, a diagnosticar a existencia da raiva no cão que os tiver apresentado.

Ha contudo uma outra variedade ou fórma de raiva, a muda, que não é menos virulenta do que a furiosa e que convem bem conhecer para prevenir accidentes de uma immensa gravidade. Esta variedade de raiva differe da furiosa principalmente pela ausencia de vontade de morder e pela paralytia da maxilla inferior, apparecendo esta em periodo mais ou menos adiantado da doença.

A terminação n'uma ou n'outra fórma deve considerar-se fatal, se bem que na historia da raiva se encontre a descripção de alguns casos tidos como curados, mas de que não pôde haver completa certeza se os animaes estavam ou não enraivados, visto que nenhuma inoculação experimental foi feita com saliva em qualquer outro producto animal.

Mas ainda que sejam verdadeiros os raros casos de cura apresentados, representam elles uma tão insignificante percentagem, que não devem de modo algum fazer modificar o prognostico da raiva.

As alterações anatomicas encontradas nos cadaveres dos cães mortos pela raiva não são univocas nem constantes, entretanto convem conhecer aquellas que mais frequentemente apparecem, e igualmente convem estar-se premunido contra a hypothese d'estas lesões serem pouco manifestas ou mesmo banaes, o que acontece bastantes vezes, quando falta o recurso dos artificios de preparações histologicas.

Suppondo, porém, a existencia das referidas lesões, são ellas; congestão mais ou menos forte no parenchima de diversos órgãos, taes como: coração, pulmão, figado, rins, etc., hyperemia da mucosa da bôca, da pharynge e da larynge, congestão e hypertrophia das amygdalas, por vezes corpos estranhos na pharynge e no oesophago.

É no estomago que se encontra o signal de mais valor para a confirmação do diagnostico da raiva.

Quando n'este orgão se encontram corpos estranhos á alimentação e de mais do que uma especie, e a historia progressa da doença indicou symptomas que fizessem suppor a existencia da raiva, e que tambem não sejam encontrados no intestino vermes em grande quantidade, deve ter-se como quasi certo que o cão estava enraivado, e n'estas condições, quasi na totalidade dos casos, as inoculações experimentaes com emulsão do respectivo bolbo provarão em sentido affirmativo.

Quasi sempre o estomago se encontrará distendido, com poucas ou nenhuma substancias alimentares, e os corpos estranhos misturados com saliva, bilis e sangue, tomando tudo um aspecto semelhante ao pé de café.

É contudo bom ter-se em muita consideração o facto do cão ter estado preso desde o apparecimento da raiva, para a hypothese de se lhe encontrar no estomago apenas uma ou duas variedades de substancias estranhas á alimentação, se o que lhe servia de cama eram apenas substancias da natureza d'aquellas encontradas no estomago. A mucosa d'este orgão muitas vezes é a séde de um processo inflammatorio, apresentando-se com uma cõr vermelha escura, echymoses, petechias e erosões hemorrhagicas, o que, naturalmente, é devido á inercia dos capillares, por lhes faltar a acção dos vaso-motores, que são constrictores d'esses vasos.

Tambem algumas vezes se vae encontrar a mucosa do intestino delgado inflammada, com manchas echymoticas e contendo um liquido viscoso escuro, mas menos carregado que o do estomago. O figado e o baço são por vezes a séde de congestões ligeiras.

As lesões encontradas no pulmão só por excepção são importantes, encontrando-se, porém, com frequencia ligeiramente congestionados.

O coração poucas vezes apresenta qualquer lesão ou alteração, a menos que o animal morto de raiva não a tivesse já, como póde acontecer muito facilmente.

É assim que se encontra a hypertrophia, a dilatação, a atrophia, etc. Tive tambem já occasião de encontrar alguns casos de filariose cardiaca, e quero crer que em Portugal elles não são muito raros, pois, em menos de dez mezes, já tive occasião de encontrar filarias em corações de quatro cães.

Tem havido quem queira encontrar sempre nos cães victimados pela raiva alterações importantes nos rins, entretanto a observação tem-me mostrado que ellas não são constantes, pois, enquanto n'uns se vae encontrar a nephrite parenchimatosa, a congestão forte dos capillares, a degenerescencia dos canaes uriniferos, n'outros são tão pouco accentuadas taes lesões, faltando mesmo algumas, que uma ou outra que exista só póde ser apreciada pela observação microscopica.

O facto da bexiga se encontrar sempre vasia e consideravelmente retrahida, segundo a exposição de alguns veterinarios, não póde ser aceite, pois enquanto n'alguns cães mortos pela raiva, este facto se observa, n'outros succede precisamente o contrario.

O que é extremamente frequente é a turgidez dos vasos externos da bexiga e a congestão mais ou menos intensa da sua mucosa.

É no systema nervoso que se encontram as lesões mais importantes, mas que, para poderem ser bem apreciadas, exigem preparações histologicas delicadas, e que poucas vezes o clinico as póde fazer.

Um grande numero de vezes se póde observar mesmo á vista desarmada a congestão no cerebro, no cerebello, nos nervos e nas meninges.

A existencia de coagulos sanguineos encontra-se tambem algumas vezes no quarto ventriculo.

As alterações microscopicas consistem na dilatação dos capillares, pequenas

hemorragias em diversos pontos da medulla, pequenos thrombus, desarranjo nas cellulas nervosas, estas rodeadas de abundantes leucocytas e por vezes tambem com muita substancia pigmentar, degenerescencia granulosa do protoplasma, hemorrhagia dos cordões brancos.

É esta alteração do systema nervoso quem explica toda a symptomatologia da raiva, tornando-se a causa do processo congestivo, devido á paralysisia dos nervos vaso-motores.

Expostas, posto que succintamente, estas ligeiras considerações sobre a raiva procurarei agora dar conhecimento do que encontrei, e enquanto a mim, como deve ser apreciado.

Cães vivos e doentes apenas tive occasião de ver oito.

O primeiro foi em Sant'Anna, mas que não segui convenientemente por elle me ser apresentado já em periodo adiantado da doença, e a cuja autopsia não procedi por ter de me retirar para o Funchal quando elle estava proximo a morrer, e por tambem ter a convicção, que me era por muita gente garantida, de ter occasião de poder observar muitos outros.

Devo entretanto aqui declarar que tenho hoje pesar de, mesmo morto, o não ter feito conduzir para o Funchal, para o poder autopsiar e utilizar para inoculações experimentaes, se bem que pela symptomatologia por elle apresentada tive o convencimento de que era um cão enraivado.

Consistia essa symptomatologia no seguinte: profunda tristeza, anorexia, irregularidade nos movimentos de todos os membros, sobre tudo dos posteriores, respiração difficil e curta, olhar amortecido: no dia immediato apresentou a paraplegia e a paralysisia da maxilla inferior, baba abundante e dyspnéa.

Em 26 de outubro tive occasião de ver um cão doente, cuja symptomatologia e lesões pathologicas já foram descriptas anteriormente no cão descripto com o n.º 1.

Com emulsão no bolbo d'este cão fiz uma inoculação intra-craneana n'um coelho em 28 e foi elle encontrado morto em 29.

Com sangue do coração fiz uma cultura em caldo e depois de desenvolvida fiz com ella uma inoculação intra-peritoneal n'um coelho, que nunca mostrou o mais leve incommodo.

Os microbios encontrados n'esta cultura pareceram-me banaes, tanto mais que nenhuma doença produziram no coelho inoculado. Consistiam elles em pequenos micrococus e staphilococus, bem como alguns, poucos, bacillos.

Esta cultura desenvolveu-se acompanhada de cheiro fetido, e apresentando-se turva, assim se conservou até que foi inutilisada.

Tanto os cocus como os bacillos coravam-se bem pelo azul de métyléne e pelo methodo de Graam.

Pelo que acabo de expor convengo-me que o cão de que foi tirado o sangue, para com elle se fazer a cultura, não morreu de raiva, doença esta que não poude ser confirmada, por ter morrido em vinte e quatro horas, devido a accidente da operação, o coelho em que havia sido feita a inoculação intra-craneana. O terceiro cão que tive ensejo de observar doente foi em 26 de outubro, e apresentava a symptomatologia e lesões já descriptas no cão n.º 2.

Com emulsão do bolbo d'este cão foi feita em 28 uma inoculação intra-craneana no coelho n.º 19, cujos resultados já constam.

Com emulsão do bolbo do coelho n.º 34 foi feita uma inoculação intra-ocular em um cão, que até á minha saída da Madeira, 19 de janeiro, estava vivo, o que nada tem de extraordinario, mas que é provavel ainda morrer.

Com uma cultura da polpa do baço do cão n.º 2 foi feita uma inoculação subcutanea em um coelho, e que não motivou alteração apreciavel no estado hygienico do mesmo.

Por todos estes resultados experimentaes se conhece que o cão n.º 2 foi victimado pela raiva.

As culturas feitas com sangue do coração e pôlpa do baço d'este cão não accusavam differenças do que se observou no cão descripto antes d'este, tanto no exame macroscopico como microscopico.

Um cão vindo de Santa Cruz para o deposito municipal, onde morreu passados dois dias de alli estar, e que sendo novo se apresentava demasiadamente irritavel, tinha bastantes ascarides lombricoides e uma gastrite sob-aguda; morreu sem que tivesse apresentado symptomas rabicos, e a irritabilidade que elle manifestava tem satisfactoria explicação na existencia dos vermes.

No deposito municipal estiveram muitos cães para alli enviados por seus donos, apenas por elles se apresentarem menos alegres que de costume, ou por terem mordido alguma pessoa, como se não fosse muito frequente um cão, ainda mesmo manso, morder e tambem entristecer. Muitos d'estes animaes apresentados como doentes restabeleciam-se, se bem que a maior parte d'elles fossem mortos no mesmo deposito, visto que os seus respectivos donos os não queriam, receiosos como estavam de que fossem animaes enraivados. N'estas condições foram mortos dezenas de animaes.

Em 5 de janeiro de 1893 foi Virginia de Jesus mordida por uma cadella. Este animal era muito affectuoso, mas no referido dia, na occasião em que a dona lhe ia pôr um açamo, mordeu-a. No dia 4 do indicado mez havia a cadella deixado de comer, teve tremores e arremettia quando se lhe faziam festas, o que inspirou desconfiança, pois até então era ella muito affectuosa, correspondendo sempre com festas ás caricias que se lhe faziam.

Na tarde do dia 5 foi apresentada no deposito municipal e ali observada. No dia 6 perdeu completamente o appetite, arremetteu e começou a apresentar irregularidade nos movimentos do terço posterior. No dia 7 estes symptomas exacerbaram-se, appareceu a paresia do mesmo terço, mostrando o olhar espantado, arremettendo com furia, mordendo os objectos que se lhe apresentavam e tendo a voz ligeiramente rouca. Em 8 a voz tornou-se mais rouca e a paresia accentuou-se mais. Em 9 sobreveiu-lhe a paraplegia, teve ataques de furia seguidos de um estado comatoso. N'este dia foi morta pelo acido cyanidrico porque eu tinha de aconselhar ou não a vinda para Lisboa da mulher mordida, e não podia esperar que a cadella morresse porque n'esse mesmo dia devia sair o vapor que tinha de a conduzir, para ella soffrer as vaccinações anti-rabicas.

O exame necroscopico não denunciou outras lesões mais que inflammção pouco intensa da mucosa do estomago, apenas no grande sacco, ligeira hyperemia cerebral e uma pequena porção de agulha de pinheiro no estomago. Era d'esta agulha que constava a cama em que ella esteve enquanto retida presa no deposito municipal. Os ataques de furia, a irritabilidade e excitabilidade que apresentava em vida não podem ser explicados, em meu entender, senão pela raiva, visto que pelo exame macroscopico em orgão algum foi encontrada qualquer lesão que os provocasse, mormente não tendo sido encontrado no organismo um unico verme. Devo declarar que não procedi ás inoculações experimentaes porque estava prestes a retirar-me e não podia por isso acompanhal-as.

Nem por isso deixei de ter o convencimento profundo que era de um caso de raiva de que se tratava, e, n'isso fundado, aconselhei a vinda da mulher a Lisboa para aqui soffrer as vaccinações anti-rabicas, o que não teve logar porque ella preferiu sujeitar-se á contingencia de não estar inficionada a vir a Lisboa, pois no governo civil do Funchal tinham sido dadas as convenientes ordens para ella seguir no primeiro vapor a sair da Madeira para Lisboa.

Pelo que fica exposto se vê que a doença reinante nos caninos da Madeira

era a raiva, que talvez tivesse tomado o caracter epizootico. Se outra doença co-existisse teria tido, sem duvida, occasião de observa-la e se alguns caninos que apresentaram lesões importantes, e que não são vulgares apparecerem na raiva, deveriam fornecer productos extrahidos de diversos orgãos, que, cultivados em meios proprios e inoculados em diversos animaes, reproduziriam a doença. Ora, foi exactamente o que não aconteceu, como passo a expor.

Foram feitas inoculações em coelhos, cobayas e cães com culturas de diferentes substancias, colhidas nos cadaveres de diversos animaes e tambem directamente com algumas d'essas substancias alem dos bolbos.

Foram ellas as seguintes :

- Coelho n.º 23 — inoculação sub-cutanea em 2 de novembro de 1892 com cultura em caldo feita com sangue do coração do cabrito.
- Coelho n.º 24 — inoculação intra-peritoneal em 2 de novembro de 1892 com cultura da polpa do baço do cão n.º 1.
- Coelho n.º 25 — inoculação sub-cutanea em 2 de novembro de 1892 com cultura do sangue do coração do cão n.º 2.
- Cobaya n.º 29 — inoculação sub-cutanea com segunda cultura do sangue do cão n.º 2.
- Cobaya n.º 30 — inoculação sub-cutanea com segunda cultura do sangue do cão n.º 1.
- Cobaya n.º 31 — inoculação sub-cutanea em 11 de novembro de 1892 com cultura do sangue do cabrito.
- Cão n.º 32 — inoculação sub-cutanea em 11 de novembro de 1892 com cultura do sangue do cão n.º 2.
- Cão n.º 33 — inoculação sub-cutanea em 11 de novembro de 1892 com segunda cultura do sangue do cão n.º 1.
- Coelho n.º 35 — inoculação sub-cutanea com sangue do coração do coelho n.º 17. Não adoeceu.
- Cobaya n.º 36 — inoculação intra-peritoneal com emulsão do sangue do cão n.º 32. Não adoeceu.
- Coelho n.º 37 — inoculação intra-venosa com emulsão do sangue do cão n.º 32.

Os resultados d'estas inoculações acham-se indicados no respectivo mappa.

As sementeiras feitas com sangue do coração, polpa do baço, exsudatos do pulmão e pús da bexiga encontrados em alguns coelhos, ficaram umas sem desenvolvimento, outras produziram culturas de microbios que, injectadas em cães, coelhos e cobayas, deram resultados desiguacs. Assim, a maior parte d'ellas não occasionaram doença alguma, porque não só os animaes que soffreram essas injectões não morreram, mas até nem chegaram a apresentar qualquer symptoma indicativo de um estado morbido, por ligeiro que fosse.

Houve, porém, alguns animaes que injectados com as mesmas culturas não se conservaram em bom estado de saúde, chegando mesmo alguns a morrer, como a cobaya n.º 31 e o coelho n.º 23.

É indispensavel que aqui fique bem determinada a falta quasi absoluta de condições para serem convenientemente feitos e proseguídos os estudos, aliás tão interessantes e importantes, dos diferentes microbios. Para sobejamente isto comprovar basta ficar-se sabendo que não havia uma estufa, que os animaes de experiencia estavam todos em um pateo, no qual se faziam as autopsias aos individuos da espécie humana mortos no hospital civil do Funchal.

N'estas condições nada de estranhavel existe em se desenvolverem organismos diferentes nas diversas culturas, como na realidade succedeu, visto que n'umas se encontram bacterias de septicemia, emquanto n'outras se viram organismos da putrefacção.

Se bem que nem sempre as culturas de organismos da putrefacção são acompanhadas do desenvolvimento de gases fetidos, é contudo certo que as culturas de taes microbios são a maior parte das vezes mal cheirosas, portanto acompanhadas da formação de gases com mau cheiro.

O que succede com as culturas acontece tambem com a putrefacção das diversas substancias organicas, a qual é devida a modificações chimicas, passadas n'essas substancias, que acompanham o desenvolvimento dos seus especificos e que terminam sempre pela formação de diversos corpos gazosos e fixos, sendo entre estes ultimos que se encontram os mais prejudiciaes, as ptomainas.

D'esta fórma nada de estranhavel existe no facto de algumas culturas se terem desenvolvido com mau cheiro, enquanto n'outras tal não succedeu. Não pretendo tambem fazer crer que as culturas desenvolvidas nos diversos meios foram unicamente devidas a microbios da putrefacção, mas sim que me parece muitissimo provavel que n'aquellas em que havia esse mau cheiro eram taes microbios que o determinavam.

Se tivesse podido fazer um estudo n'este sentido, sem duvida os seus resultados comprovariam esta apreciação.

O estudo bacteriologico dos organismos encontrados nos cadaveres dos diversos animaes autopsiados mostra-nos que em quasi todos, senão em todos os victimados em praso curto, poucas horas ou poucos dias, foi a morte occasionada por microbios de septicemia, havendo tambem, na occasião da colheita dos productos de cultura, organismos da putrefacção.

Assim, enquanto n'uns se encontra o bacterium termo, o vulgaris e talvez ainda o bacillus zenkeri, organismos estudados e considerados como provocadores das putrefacções, foram encontrados n'outras bacterias que não parece pertencerem ao mesmo grupo das precedentes, mas sim áquellas que se encontram nas septicemias agudas. Estes organismos, que provocaram a morte em alguns animaes de experiencia, poderiam muito bem ter a porta de entrada nos ferimentos feitos pela agulha da seringa com que se fez a injeccão do liquido cultural, e como boa prova d'esta apreciação basta narrar um facto occorrido durante as diversas observações e experiencias feitas para o estudo da zoonoze do Funchal.

Foi elle o seguinte: dois cães, n.ºs 32 e 33, proxivamente da mesma corpulencia e peso foram inoculados com as mesmas quantidades consideradas iguaes de culturas; um d'elles, o n.º 32 morreu com infecção septicemica, o outro nem chegou a manifestar qualquer pequena alteração no seu estado hygienico. Succedeu, porém, que este ultimo não teve a mais insignificante lesão no ponto de inoculação, enquanto que no primeiro o ponto de inoculação tornou-se n'uma ferida violacea com supuração saniosa.

No segundo dia immediato á inoculação appareceu com temperatura bastante elevada, profundissima tristeza, inappetencia absoluta, dyspnéa, congestão e infiltração das mucosas, morrendo ao quarto dia.

A autopsia revelou côr violacea do peritoneo, hypertrophia do figado, nephrite parenchymatosa, congestão e amollecimento do baço e congestão da mucosa intestinal.

O exame bacteriologico demonstrou a existencia de micro-organismos differentes dos que havia na cultura injectada.

Este caso demonstra que a morte foi determinada por uma septicemia, cujos organismos especiaes tiveram talvez a sua porta de entrada pelo fermento feito pela agulha da seringa, sem o que os micro-organismos encontrados no cadaver seriam da mesma natureza dos existentes na cultura injectada e ainda deveria tambem ter morrido o outro cão, ou pelo menos adoecido gravemente, embora se restabelecesse.

Como, porém, isto não succedesse, conheceu-se que os microbios injectados eram inoffensivos para o cão, ou sendo pathogenicos, para occasionarem o apparecimento de symptomas morbidos, careciam de ser administrados em quantidade superior á injectada.

As culturas em gelatina feitas com sangue dos cães com cujos bolbos foram inoculados os coelhos n.^{os} 19 e 20 mostraram o seguinte: bacillos moveis com 0,2 R de comprimento por 0,6 R de largura, em média, dispostos uns em zoogleas, outros espalhados sem regularidade; liquifacção da gelatina no fim de cinco a seis dias tomando tambem a côr verde para mais tarde se tornar amarellada. O desenvolvimento d'esta cultura é acompanhado de cheiro fetido.

As culturas em gelose feitas com os mesmos liquidos tambem tomaram as mesmas côres e apresentaram o mesmo mau cheiro. Com caldo observou-se o mesmo tanto em relação á côr como ao cheiro. As culturas feitas em caldo, em gelatina e em gelose com sangue do pulmão do bode, produziram diplococcus, staphylococcus e bacillos. Estas culturas eram fetidas, tomaram a côr verde, que mais tarde se tornava amarellada, liquifaziam a gelatina.

O caldo que sempre se conservou turvo, passados vinte e cinco dias apresentou um deposito branco no fundo do tubo.

O exame de uma preparacção fresca do sangue do bode e córada pelo azul de métyléne mostrou bacillos que facilmente poderiam ser confundidos com os do carbunculo bacteridiano, se elles não fossem articulados e sporulados, o que se não encontra no *Bacillus anthracis* senão cultivado. Eram pathogeneos, porque uma cultura d'elles injectada na cobaya n.^o 31, occasionou-lhe a morte em pouco mais de vinte horas e no coelho n.^o 23 em tres dias.

As culturas em caldo, gelatina e gelose, feitas com sangue do cão morto em 8 de outubro, desenvolveram-se sem cheiro fetido, não fundiram a gelatina e mostraram os organismos seguintes: bacillos curtos e delgados, 0,2 R de comprimento por 0,7 R de largura, dotados de mobilidade, córando-se bem pelas côres de anilina, e na gelose formando placas arredondadas de um branco sujo. Eram pathogeneos, porque injectados nos coelhos n.^{os} 11 e 12 mataram estes animaes em menos de vinte e quatro horas.

Foram feitas mais culturas de diversos productos de cadaveres, sangue, polpa do baço, do figado, do pulmão, de diversos coelhos e cães, que não se desenvolveram.

Outro tanto succedeu com culturas tentadas com sangue e serosidades da velha, e com massa encephalica da rapariga do Porto da Cruz.

Falta por isso a uniformidade dos microbios encontrados nos cadaveres de diferentes animaes, pois que emquanto n'uns se encontraram organismos pathogenicos, occasionando o desenvolvimento de septicemias que victimavam os animaes inoculados com culturas dos mesmos, n'outros reconhecia-se a existencia de organismos saprogeneos, dos quaes uns eram pathogeneos e outros não.

O estudo bacteriologico, ainda que incompleto, parece-me demonstrar sobejamente, em relação aos animaes observados, que não havia nos caninos doença inficiosa, além da raiva.

Vem, porém, aqui de molde tratar das lesões, porventura dissemelhantes encontradas em diferentes animaes.

Houve cães que, no exame necroscopico, mostraram lesões extensas e intensas, taes foram o n.^o 32 e o que morreu em 8 de outubro. Do mesmo modo houve coelhos em que as lesões encontradas não eram univocas nem constantes.

Isto, porém, a mim não me parece ter sufficiente importancia para fazer vacillar no estabelecimento do diagnostico, e parece-me que essa falta de uniformidade em nada deve influir, desde que as inoculações experimentaes em coelhos

e em cães tiveram como resultado o desenvolvimento da raiva nos animaes inoculados, e sempre com um praso de incubação para esta doença superior ao minimo estabelecido e geralmente acceto para as diversas especies.

O cão n.º 32 que apresentou extensas e intensas lesões está fóra da apreciação de tudo que possa referir-se á raiva, porque nem a symptomatologia por elle mostrada nem o exame necroscopico revelaram nada conducente a ter elle podido ser considerado como enraivado, tanto mais que antes de ter sido inoculado elle se apresentava em perfeito estado hygienico, e ainda tendo sido inoculado no mesmo dia um outro cão, com porção igual de cultura similar, este não adoeceu. A diversidade, ou talvez melhor, a differente intensidade das lesões encontradas em animaes da mesma especie não podem invalidar o diagnostico de uma doença, que ainda mesmo com algumas differenças nas suas manifestações, quer em relação á marcha e duração, quer á exhibição da sua symptomatologia mostrou sempre o mesmo fundo.

Assim emquanto nos coelhos o tempo decorrido entre a inoculação e o apparecimento dos primeiros symptomatos foi variavel de uns para outros, portanto diverso o periodo de incubação, porém, sempre superior ao limite minimo assignalado até hoje para a incubação da raiva experimental, desenvolveu-se o quadro symptomatologico sempre por modo a poder ser tido como pertencente á raiva. Variou o periodo de incubação? Variou mesmo o periodo entre a appareição dos primeiros symptomatos e a morte? Que importancia póde isto ter se em todos elles nós vimos a doença fazer as primeiras manifestações pela marcha vacillante, seguida de irregularidade nos movimentos e de paresia, e terminar sempre pela paralysis do terço posterior ou de todo o corpo, acompanhados estes estados de outros symptomatos, que apparecem na raiva dos coelhos.

Se em alguns houve differenças nas lesões accusadas pelo exame necroscopico, não foram ellas de natureza a dever invalidar o diagnostico. A falta de alguma ou de algumas d'ellas em alguns coelhos, não me parece dever ter uma grande importancia, sabendo-se que isto se dá com frequencia na raiva.

Se tivessem sido observadas lesões que não apparecem no cadaver do coelho victimado pela raiva, de toda a importancia seria tal facto, mas isso é que nunca foi observado.

A variabilidade na intensidade das lesões, sobre tudo do apparelho digestivo, não deve causar estranheza, porque ellas accentuar-se-hão mais ou menos intensamente, e apparecerão todas ou não, consoante a fórma mais ou menos rapida porque tenham tido logar os effeitos da paralysis dos vaso-motores.

É por isto, penso, que emquanto n'uns se reconhecera a inflammção intensa do estomago e do intestino delgado, n'outros, estes orgãos estarão quasi normaes, emquanto tambem no apparelho urinario, n'uns, se vae ver a nephite parenchimatosa, a degenerescencia dos canaes uriniferos, semeados de manchas hemorragicas, vasos dilatados, até mesmo rotos, obliterados por coagulos sanguineos, outros não apresentam todas estas lesões, chegando mesmo a ser necessario recorrer ao microscopio para bem se conhecerem algumas d'ellas, sem o que facilmente passariam despercebidas á vista desarmada.

Que ha de mais variavel do que as bexigas nos animaes enraivados? Emquanto n'uns este orgão se encontra cheio, dilatado, n'outros elle é encontrado vasio e retrahido; n'uns se acha a mucosa da bexiga intensamente congestionada, n'outros está ella normal; n'uns se encontram no mesmo orgão collecções purulentas, n'outros faltam ellas absolutamente.

No apparelho respiratorio dos animaes victimados pela raiva nota-se tambem a mesma falta de unidade nas lesões.

Por vezes a mucosa respiratoria desde a pituitaria até á bronchica se apre-

senta congestionada, violacea e até ennegrecida, e outras apenas echimosada e com pequenas suffusões sanguineas.

Em alguns animaes, cães sobre todos, se vae achar cheio de corpos estranhos o conducto aereo desde a larynge até aos bronchios, o que se não dá em muitos outros, nos quaes esse conducto está perfeitamente livre d'esses corpos estranhos.

Em muitos se vae encontrar o pulmão mais ou menos congestionado em alguns pontos, apresentando echymoses, derrames hemorragicos e fôcos pneumonicos, faltando outras vezes estas lesões total ou parcialmente.

Tanto o pericardio como o endocardio umas vezes estão echimosados e outras não. No olho mesmo se reconhece umas vezes a existencia de conjunctivite, de ophthalmia e até feridas na cornea, e outras absolutamente nada d'isto.

É no systema nervoso que se encontram as lesões mais importantes e mais constantes, mas não poucas vezes succede haver necessidade de recorrer ao microscopio para bem as apreciar.

Existem ellas nos nervos, na medulla, no cerebello, no cerebro e nas meninges.

As meninges, tanto cerebraes como espinhaes, encontram-se quasi sempre injectadas e congestionadas. Os vasos das meninges estão quasi sempre dilatados e repletos de sangue, que quasi sempre é diffuente; esta dilatação algumas vezes torna-se exagerada ocasionando a ruptura dos vasos e como consequencia, o apparecimento das hemorragias. Isto observa-se, talvez com maior frequencia no quarto ventriculo, onde já algumas vezes tive occasião de ver coagulos sanguineos fóra dos vasos.

Na medulla ha muitas vezes a hyperehemia acompanhada de amollecimento, raramente de indurações, e tanto na substancia medullar como cerebral se encontram com frequencia as hemorragias. Estas lesões são tanto mais visiveis e intensas quanto mais tempo o animal esteve doente.

Em todos os casos, porém, o exame micrographico é o melhor para revelar as lesões congestivas e consecutivas á congestão no cerebro, na medulla e nos nervos.

Além das lesões congestivas encontram-se tambem quasi sempre as degenerativas, e são estas mais frequentes no cerebro, no bôlbo, na medulla, nos ganglios vertebraes e nos do grande sympathico, consistindo na stase do sangue nos capillares, na ruptura dos vasos, na diapédese dos globulos brancos e na alteração das cellulas do tecido nervoso.

Ainda outras modificações se observam no tecido nervoso dos animaes victimados pela raiva, mas que me dispenso de aqui as indicar.

O que é certo é que em todos os apparelhos, que não no nervoso, são inconstantes e de diversa intensidade as lesões achadas nos cadaveres dos animaes mortos de raiva.

No apparelho nervoso ha sempre lesões, mas não são ellas tão variaveis em relação ao numero e intensidade, e sobre tudo tão desigualmente apreciaveis pelo exame macroscopico, que não se recorrendo á observação microscopica, com ou sem auxilio da preparação de histologia pathologica, passam ellas muitas vezes despercebidas, até ao olho experimentado.

Quando isto se der facilidade ha em duvidar pela falta de lesões apreciaveis, da existencia da raiva no animal em observação necroscopica, e isto muito facil é de succeder, visto que apenas um limitadissimo numero de clinicos teem os recursos para poderem proceder a um estudo completo das lesões no cadaver de um animal morto de raiva.

Sendo tão inconstantes as lesões encontradas nos cadaveres de animaes victi-

mados pela raiva, qualquer pessoa que contra isto não esteja precavida, pôde hesitar em considerar um animal como não tendo morrido d'esta doença, quando lhe encontre lesões pouco apreciáveis, ou pelo contrario quando ellas sejam exageradamente intensas e extensas.

É por tudo isto muito conveniente procurar conhecer tão bem quanto possível a historia progressa da doença, e sempre que seja possível, fazer inoculações experimentaes em coelhos ou cobayas, de preferencia nos primeiros.

Este elemento de confirmação de diagnostico é da mais alta importancia pelas fidelissimas indicações que fornece, quando bem feitas as inoculações.

Convenço-me que foi isto que succedeu com a classe medica do Funchal, em que ha membros muito distinctos, tanto mais que não havendo entre elles um unico que tivesse observado um caso typico de raiva, e não tendo encontrado em nenhum dos individuos, suspeitos de terem fallecido d'esta doença, o quadro completo dos symptomas de tal enfermidade, hesitavam em acceitar o diagnostico de raiva, feito por alguns medicos n'um velho e n'uma creança, pelo que se mantinha um encontro de apreciações ácerca da molestia, a que haviam succumbido o velho e a referida creança.

Como já tive occasião de referir foi n'estas circumstancias que eu cheguei ao Funchal, e posto as inoculações experimentaes em coelhos, umas já feitas e outras por mim praticadas, occasionassem n'esses animaes o desenvolvimento da raiva, que eu me apressei a mostrar a alguns dos medicos, que não acceitavam a existencia de tal doença na ilha da Madeira, onde aliás ella era desconhecida até quasi meio de 1892, elles continuaram a manter as suas duvidas, e foi necessario que apparecesse um caso perfeitamente typico na especie humana, como foi o do rapaz do Funchal, José de Gouveia, para que ao seu espirito chegasse o convencimento de que na Madeira existia a raiva. Não descobria eu quaes as razões que elles tinham para tão obstinadamente recusarem a acceitação da existencia da raiva nos coelhos que viram, e que estavam bem atacados d'esta doença, e por isso cheguei a convencer-me que a sua persistente negativa era apenas uma teimosia.

Que elles, porém, me desculpem esta minha supposição, porque bem destruida ella foi com a sua franca confissão de que o rapaz, José de Gouveia, morrêra de raiva, e portanto que essa doença existia na Madeira, visto que, sendo ella uma doença inficciosa, não podia desenvolver-se espontaneamente em nenhuma especie animal.

Chegado, pois, a este ponto restava-me estudar o que se poderia fazer para contrariar os effeitos de tão horrivel enfermidade, e tambem indicar os meios que ao meu espirito eram suggeridos para pôr ao seu abrigo a população da Madeira.

Apresentavam-se-me logo tres hypotheses:

1.^a Exterminio completo de todos os cães e da maior parte dos gatos, ou da totalidade d'estes, sendo possível e pratico.

2.^a Vacinação preservativa de todos os cães da ilha.

3.^a Emprego de todos os meios para se conseguir a diminuição do numero de cães, e evitar que os houvesse vagabundos.

Perante estas tres hypotheses vê-se claramente que era necessario ou procurar a extincção da raiva ou, continuando ella a existir, collocar a população madeirense em condições de ter o menor risco possível.

D'esta fórma não havia para mim hesitações; desde que era possível extinguir a raiva, visto que se trata de uma ilha e não grande, ainda que para isso fosse indispensavel proceder ao morticínio de todos os caninos e felinos da ilha, eu optaria por esta solução; mas succede, em meu entender, que não havia ne-

cessidade de recorrer a este expediente, talvez um pouco barbaro; o que passo a demonstrar.

As camaras municipaes fariam construir abarracamentos convenientes, o que não seria muito dispendioso attenta a suavidade do clima na Madeira, para que todos os cães entrados para sequestroahi o podessem soffrer em condições de não perigar a sua vida ou mesmo a sua saude.

Não deveria ser permittido por consideração alguma o sequestro em casa do dono de qualquer animal, porque sem duvida isto poderia constituir excepção, e as excepções são sempre odiosas, a que se me afigura ser indispensavel obstar.

Munidos com as necessarias auctorisações e dentro das diversas disposições legaes, as competentes auctoridades fariam bem publico por todos os meios ao seu alcance, tanto officiaes como officiosos, que até um determinado dia todos os donos de cães seriam obrigados a apresental-os nas sédes dos respectivos concelhos, declarando logo se queriam continuar a possuir esses animaes. Na hypothese affirmativa, ahi os deixariam munidos de colleira e corrente de ferro apropriada, pagando logo a quantia arbitrada pela camara para occorrer ás despezas a fazer com os referidos animaes durante o primeiro mez do sequestro, e do mesmo modo para os seguintes, até que este fosse terminad.

Na hypothese negativa esses cães ficariam em recinto para isso destinado pela respectiva camara, ordenando esta o seu morticinio mais prompto possivel.

De futuro nenhum animal felino ou canino poderia ser importado para a ilha sem que primeiro fosse sujeito a sequestro rigoroso em local para isso designado, e durante um praso nunca inferior a seis mezes, pagando os importadores as despezas a fazer com a demora dos animaes no local do sequestro.

A todo o dono de animal sequestrado, quer proveniente de importação, quer já dos existentes na ilha, seria facultado poder alli mandar tratar do seu cão e fornecer-lhe a alimentação que tivesse por mais conveniente.

Não me julgo obcecado para negar por absoluto o valor do argumento, que faz sentir a difficuldade em levar aos povos dos campos o convencimento de que devem apresentar os seus cães para serem sequestrados ou victimados.

Não devo tambem convencer-me de que isso se não possa conseguir, se todas as pessoas de valimento e conhecedoras do terrivel soffrimento occasionado pela raiva, influirem junto d'esses povos com o seu conselho e com a sua auctoridade, fazendo-lhes bem conhecer que commettem um gravissimo crime, tentando subtrahir-se ao cumprimento das ordens que para tal fim sejam dadas pelas respectivas auctoridades. N'este sentido sejam todos fiscaes do procedimento uns dos outros.

A organização de commissões concelhias, compostas de individuos com boa vontade para auxiliarem as auctoridades, seria da mais alta vantagem.

Com o concurso de todos estes meios, e ainda com as praticas feitas pelo clero, em que este mostre o risco que póde correr qualquer pessoa de contrahir a raiva, enquanto existir um unico cão, em que possa manifestar-se tal doença, é provavel, senão certo, desaparecer da parte dos povos dos campos a reluctancia em abandonarem temporaria ou definitivamente os seus cães, pois que só em selvagens se póde admittir o sentimento de preferirem os cães a qualquer pessoa de sua familia.

Se, porém, apesar de tudo, ainda possa haver qualquer pessoa que tente subtrahir-se ao dever de apresentar os seus cães, seja d'isso denunciado á auctoridade competente por quem do facto tenha conhecimento, o que eu, conhecedor como sou dos terriveis effeitos de uma doença até hoje reputada incuravel, nem por um momento hesitaria em fazer.

A auctoridade competente cumpriria o seu dever punindo com o maximo rigor, que podesse, aquelle que soh a sua acção se viesse a encontrar.

Punido que fosse severamente o primeiro delinquente, de proficuo exemplo isto seria.

Com a adopção do que acabo de expôr certamente em menos de dois mezes não existiria na ilha um unico cão fóra dos locaes de sequestro, mas se por um tristissimo acaso ainda ficasse algum, e por uma terrivel coincidencia elle tivesse a raiva incubada, teria esta tempo de se manifestar e victimar o cão dentro do praso em que os outros estivessem sequestrados, o qual praso por consideração alguma deve ser inferior a seis mezes.

É pequeno o numero de animaes caninos, cujos donos se prestem a mandal-os para os locaes de sequestro, ou tenham os meios sufficientes para o poderem fazer?

Nenhum valor tem esta consideração, porque findo que fosse o praso de sequestro, o repovoamento da população canina na ilha viria rapidamente, e então não teriam os donos dos cães que viessem a existir, a necessidade de os conservarem presos, açaimados ou sujeitos a quaesquer posturas municipaes, pelo medo que podesse inspirar o receio do apparecimento da raiva em animaes d'esta especie.

Como a raiva póde tambem ser dada ao homem pelo gato, forçoso é tomar medidas que nos ponham ao abrigo d'este periodo.

É, porém, necessario saber-se que este risco é muito mais remoto, visto que as estatisticas até hoje elaboradas apresentam o gato como transmissor da raiva n'uma percentagem minima em relação ao cão.

Não pretendo com isto significar que não deve haver o maximo rigor na applicação de medidas tendentes a exterminar o maior numero possivel de gatos.

O que seria para desejar era o morticínio geral de todos os felinos da ilha, mas é de suppor que tal medida se tornaria impossivel.

N'esta hypothese, então, entendo dever recorrer-se ao seguinte: todo o gato traria uma colleira na qual estivesse gravado o nome do seu dono, e depois de um dia, previamente indicado, todo o gato encontrado fóra de casa de seu dono e em qualquer campo ou quintal deveria ser morto por qualquer fórma.

De todos é sabido que quasi toda a gente tem menos pena de um gato do que de um cão, portanto mais facil será o exterminio d'aquelle do que d'este. N'este sentido uma propaganda da imprensa, secundada pelo zêlo dos agentes policiaes e dos individuos agrupados para auxiliarem as auctoridades, daria os mais proficuos resultados.

Com o concurso de auctoridades, imprensa e particulares, facil será conseguir-se o exterminio da raiva na Madeira, e todos os sacrificios feitos para tal fim durante seis ou oito mezes terão uma larga compensação na tranquillidade dos habitantes da ilha relativamente aos effeitos de tão horrorosa enfermidade; que já victimou algumas pessoas, e que infelizmente ainda poderá matar mais outras.

A vacinação de todos os cães da ilha figura-se-me ser absolutamente inexequivel, tanto mais que, para ser feita em praso curto, como seria indispensavel, acarretaria tal medida uma enorme despeza, não comportavel com as actuaes circumstancias do thesouro, e tambem o sufficiente pessoal devidamente habilitado para proceder á preparação das respectivas vaccinas, que actualmente não existe no paiz.

A adopção d'este meio tem de ser abandonada. Resta, portanto, o terceiro alvitre, que eu entendo não produzir os resultados que se pretende, ainda mesmo que se adoptem medidas rigorosas por parte das camaras municipaes com posturas bem estudadas, e por determinações da auctoridade administrativa.

Sejam quaes forem as posturas, sejam quaes forem as medidas tomadas pelas respectivas auctoridades, julgo difficil proceder de fórma a ellas poderem alcan-

gar todos os animaes, pois que d'este modo só haveria para garantia da execução das determinações superiores a applicação de multas, e todos sabem qual é o valor de tal penalidade, emquanto que por meio do sequestro official e obrigatorio ficariam sob a acção do poder judicial todos os individuos que não cumprissem as ordens tornadas publicas. Como prova do que fica exposto basta lembrar o que succede em Lisboa, onde a acção policial é mais desafogada, e apesar d'isso as posturas não são cumpridas, pois que a cada momento se encontram na via publica cães sem açaimos, e outros com elles de tal modêlo, que é precisamente o mesmo que se o não trouxessem, visto que podem perfeitamente morder.

É muito raro tambem ver conduzir na via publica qualquer cão devidamente preso ou acorrentado.

Como resultado d'isto vem a frequencia do apparecimento de cães enraivados e de pessoas mordidas.

Ainda me quero convencer que no primeiro periodo haveria na Madeira algum rigor na execução das medidas aconselhadas e ordenadas, mas em seguida, como succede em tudo, viria o desleixo tanto dos particulares como da policia, e não mais sairia a raiva da ilha. É por isto que eu desejava o sequestro rigorosissimo, porque por meio d'elle o rigor teria de ser empregado apenas n'um praso curto e por isso com garantia do melhor exito.

Como se trata de uma ilha, penso que não só era do mais alto interesse para a população da Madeira o emprego dos meios os mais violentos para se obter a extincção da raiva, mas ainda que todo o paiz deveria até ter o mais bem fundado orgulho em poder deixar ficar na historia um facto tão importante e até tão bonito, qual seria o da extincção da raiva n'um districto inteiro, em que ella havia causado não poucas victimas na especie humana. Mais uma vez aqui declaro que para isto se poder conseguir apenas vejo com garantia de bom exito o sequestro official e obrigatorio, tal como o expuz.

Não quero tambem terminar sem dizer alguma cousa ácerca do estabelecimento no Funchal de um instituto anti-rabico para tratamento dos individuos, que tivessem a infelicidade de ser mordidos por animaes enraivados. A este respeito exige-me a coherencia que eu não veja necessidade d'elle, visto que estou convencido que se pôde obter a extincção da raiva na ilha.

Suppondo, porém, que esta extincção se não poderia obter, ainda assim me parece não haver necessidade de o crear; e como defeza d'este modo de apreciar basta saber-se que, hoje, entre Lisboa e a Madeira ha repetidas communicações, e é rara a semana que d'aquella ilha não venha algum vapor que toque em Lisboa. Portanto, o que é necessario é que o governo occorra ás despezas a fazer com o transporte dos individuos pobres, que careçam de soffrer as vaccinações anti-rabicas, por terem sido mordidos por animaes enraivados.

Conclusões

- 1.º A raiva grassou epizooticamente nos caninos da ilha da Madeira.
- 2.º A doença foi demonstrada experimentalmente nas proveniencias seguintes :
 - Velha da Achada.
 - Bode.
 - Porco.
 - Cão morto em 8 de outubro de 1892.
 - Cão designado com o n.º 2.
 - Rapariga de Porto da Cruz.
 - Velha do Funchal.

- 3.º Foram reconhecidas como mortas pela raiva as seguintes pessoas:
- Velha da Achada.
 - Creança da Achada.
 - Rapariga de Porto da Cruz.
 - Velha do Funchal.
 - José de Gouveia (Funchal).
 - Rapaz do Machico.
 - Creança do Funchal.
- 4.º A extinção da raiva parece possível por meio do sequestro official e obrigatorio de todos os caninos, feito em alojamentos devidamente construidos pelas camaras municipaes, havendo ao mesmo tempo a prohibição absoluta da importação de caninos e felinos sem o sequestro pelo tempo de seis mezes, pelo menos, na occasião da importação.
- 5.º Havendo já em Lisboa um laboratorio bacteriologico, onde são feitas as vacinacões anti-rabicas, não ha necessidade de se estabelecer na Madeira um instituto anti-rabico.

Lisboa, 2 de março de 1893. = *Antonio Roque da Silveira.*

Animaes inoculados

Numero	Datas das inoculações	Indicação das inoculações	Datas das mortes	Indicações symptomáticas e necroscópicas
	1892			
1	24-9.º	Coelho. Inoculado na camara anterior com bolbo do velho.	14-10.º	Morto de raiva.
2	24-9.º	Coelho. A mesma inoculação do n.º 1.	28-10.º	Morto de raiva.
3	29-9.º	Coelho. Inoculado na camara anterior com emulsão do bolbo do velho.	-	Vivo em 18 de janeiro de 1893. Perdeu o globo do olho.
4	9-10.º	Coelho. Inoculado na camara anterior com bolbo do cão morto em 8 de outubro.	21-11.º	Começou a apresentar-se triste em 19, e com movimentos irregulares no terço posterior, manifestou-se-lhe paralyisia geral em 20. Ligeira congestão das meninges e do cerebro.
5	9-10.º	Coelho. Inoculado na camara anterior com bolbo do cão morto em 8 de outubro.	-	Vivo em 18 de janeiro de 1893. Perdeu o globo do olho.
6	9-10.º	Coelho. Inoculado sob a dura-mater com emulsão do cerebro do cão morto em 8 de outubro.	30-10.º	Este coelho esteve doente menos de vinte e quatro horas. A autopsia não revelou mais que uma ligeira congestão nas meninges.
7	15-10.º	Coelho. Inoculado sob a dura mater com bolbo do coelho n.º 1.	18-10.º	Morto de septicemia.
8	15-10.º	Coelho. Mesma inoculação do antecedente.	18-10.º	Morto de septicemia.
9	15-10.º	Coelho. Inoculado na camara anterior com o bolbo do coelho n.º 1.	31-10.º	Foi encontrado morto em 31. Não apresentou lesões que explicassem satisfatoriamente a morte.
10	18-10.º	Coelho. Inoculação sub-cutanea com sangue do coração do coelho n.º 7.	-	Desappareceu.
11	18-10.º	Coelho. Inoculação intra-peritoneal com cultura do sangue do cão morto em 8 de outubro.	19-10.º	Inflamação do estomago, do intestino delgado, do peritoneo e derrame peritoneal.
12	18-10.º	Coelho. Inoculação intra-venosa com cultura do sangue do cão morto em 8 de outubro.	19-10.º	As mesmas lesões que o antecedente.
13	21-10.º	Coelho. Inoculado na camara anterior com bolbo do porco.	6-11.º	Mostrou-se triste e com irregularidade de movimentos em 5. Morreu paralytico. O exame necroscopico não mostrou mais do que ligeira congestão renal.
14	21-10.º	Coelho. Mesma inoculação do antecedente.	2-11.º	Morreu paralytico, apresentando congestão ligeira nas meninges e no cerebro e collocação purulenta na bexiga.
15	21-10.º	Coelho. A mesma inoculação do antecedente.	5-11.º	Em 3 de novembro de 1892 começou a apresentar a paralyisia no terço posterior, a qual se generalisou, morrendo em 5. Congestão das meninges e do cerebro, ligeira congestão renal.
16	24-10.º	Coelho. Inoculação sob a dura-mater com emulsão do bolbo do bóde.	11-11.º	Em 8 principiou a ter difficuldade nos movimentos do terço posterior, a qual augmentou até sobrevir a paralyisia do mesmo terço, o assim morreu. Não apresentou lesões importantes.
17	24-10.º	Coelho. A mesma inoculação do antecedente.	14-11.º	Manifestou-se a paresia do terço posterior em 10, sobreveiu a paraplegia

Numero	Datas das inoculações	Indicação das inoculações	Datas das mortes	Indicações symptomaticas e necroscopicas
18	24-10. ^o	Coelho. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do bóde.	5-12. ^o	e depois a paralyisia geral, com que morreu. A autopsia revelou congestão das meninges e do cerebro, um coagulo no 4. ^o ventriculo e ligeira congestão dos rins. No dia 3 de dezembro de 1892 manifestou irregularidade nos movimentos dos membros posteriores; no dia 4 sobreveiu a paresia dos membros; morreu em 5 com paralyisia geral. A autopsia apenas mostrou congestão ligeira nas meninges e no cerebro.
19	28-10. ^o	Coelho. Inoculado sob a dura-mater com emulsão do bolbo do cão n. ^o 2.	14-11. ^o	Appareceu-lhe a paresia do terço posterior em 11; sobreveiu-lhe a paralyisia, que se tornou geral e assim morreu completamente paralytico. A autopsia revelou congestão das meninges e embollas no estomago.
20	28-10. ^o	Coelho. Mesma inoculação sob a dura-mater com bolbo do cão n. ^o 1.	29-10. ^o	Morto por infecção septicemica.
21	29-10. ^o	Coelho. Inoculação intra-cranearna com emulsão do bolbo do coelho n. ^o 2.	21-11. ^o	Apresentou-se triste em 15 de novembro de 1892, em 16 paresia no terço posterior, paralyisia no mesmo terço em 18. Paralyisia generalisada em 20. Encontrado morto em 21. A autopsia mostrou congestão ligeira do intestino delgado, congestão nas meninges, collecção purulenta na bexiga.
22	31-10. ^o	Coelho. Inoculação intra-cranearna com emulsão do bolbo do coelho n. ^o 9.	20-11. ^o	Apresentou paresia no terço posterior em 16 de novembro de 1892. Em 18 veiu a paralyisia do mesmo terço, que se generalisou, morrendo em 20. A autopsia manifestou congestão das meninges do cerebro, um coagulo no 4. ^o ventriculo e collecção purulenta na bexiga. Todos os outros órgãos em estado normal.
23	2-11. ^o	Coelho. Inoculação sub-cutanea com 1. ^o de uma cultura de 28-10 em caldo feita com sangue do coração do bóde.	5-11. ^o	Deixou de comer em 3 de tarde, muito triste, pêllo eriçado. Inflammação nos intestinos, nos rins e no peritoneo; derrame peritoneal e pleuretico.
24	2-11. ^o	Coelho. Inoculação intra-peritoneal com 1. ^o de uma emulsão em caldo feita com gelatina em que tinha sido feita uma cultura com polpa do baço do cão n. ^o 1.	-	Não adoeceu.
25	2-11. ^o	Coelho. Inoculação sub-cutanea com 1. ^o de uma cultura feita em caldo com sangue do coração do cão n. ^o 2.	-	Não adoeceu.
26	5-11. ^o	Coelho. Inoculação por trepanação com emulsão do bolbo do coelho n. ^o 15.	28-11. ^o	Appareceu paraplegico em 27. Morreu paralytico em 28 de novembro de 1892. A autopsia não revelou mais do que ligeira congestão nas meninges.
27	6-11. ^o	Coelho. Inoculação por trepanação com emulsão do bolbo do coelho n. ^o 18.	26-11. ^o	Apresentou irregularidade nos movimentos dos membros posteriores em 21, que em 22 já era paresia, estan-

Números	Datas das inoculações	Indicação das inoculações	Datas das mortes	Indicações symptomáticas e necroscópicas
28	6-11.º	Coelho. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 13.	-	do paralytico em 24 e morrendo em 26. A autopsia revelou congestão no cerebro, nas meninges e ligeira nos rins.
29	10-11.º	Cobaya. Inoculação sub-cutanea no ventre com cultura em caldo do sangue do cão n.º 2.	-	Perdeu o olho. Vivo em 18 de janeiro de 1893.
30	-	Cobaya. Inoculação sub-cutanea com 2.º cultura em caldo do sangue do cão n.º 1.	-	Não adoeceu.
31	10-11.º	Cobaya. Inoculação sub-cutanea com cultura em caldo do sangue do bode.	11-11.º	A autopsia revelou congestão intensa nos pulmões, nos rins, na pleura e no peritoneo. Derrame peritoneal e pleuretico. Inflamação intensa no ponto de inoculação.
32	11-11.º	Cão. Inoculado com 1.º,5 da cultura em caldo feito com o sangue do cão n.º 2.	15-11.º	Em 13 perdeu o appetite, apresentou-se muito triste e foi encontrado morto em 16 de novembro de 1892. A autopsia manifestou hypertrophia do coração e do baço, ligeira congestão pulmonar, gastrite e nephrite parenchimatosa.
33	11-11.º	Cão. Inoculação sub-cutanea com 1.º de 2.ª cultura em caldo do cão n.º 1.	-	Não adoeceu.
34	14-11.º	Coelho. Inoculado com emulsão do bolbo do coelho n.º 19.	3-12.º	No dia 29 de novembro apresentou uma pequena irregularidade nos movimentos, marcha vacillante; no dia 30 apresentou paresia dos membros posteriores e no dia 1 de dezembro veio a paralyssia dos mesmos membros; no dia 2 generalizou-se a paralyssia, morrendo em 3 completamente paralytico. A autopsia revelou manchas echimoticas e embollias no estomago, congestão na pharynge e na larynge, nos rins, intensa no intestino delgado, nas meninges e no cerebro. Coccidiase ligeira.
35	14-11.º	Coelho. Inoculação sub-cutanea com sangue do coração do coelho n.º 17.	-	Não adoeceu.
36	16-11.º	Cobaya. Inoculação intraperitoneal com 1.º de emulsão em caldo com o sangue do cão n.º 32.	-	Não adoeceu.
37	16-11.º	Coelho. Inoculação intra-venosa com 2.º com emulsão feita em caldo com o sangue do cão n.º 32.	-	Não adoeceu.
38	19-11.º	Coelho. Inoculação por trepanação com emulsão do cerebro da rapariga de Porto da Cruz.	7-12.º	No dia 3 de dezembro manifestou ligeira irregularidade nos movimentos do terço posterior, marcha vacillante; estes symptomas exaggeraram-se no dia 4 e deixou de comer; dia 5 sobreveiu a paresia nos quatro membros; dia 6 manifestou-se a paralyssia do terço posterior, no dia 7 generalizou-se a paralyssia e morreu. A autopsia revelou ligeira congestão

Numeros	Datas das inoculações	Indicação das inoculações	Datas das mortes	Indicações symptomaticas e necroscopicas
40	19-11.º	Coelho. Mesma inoculação do antecedente.	20-11.º	das meninges e manchas ecchymoticas e embollias no estomago. Morto por accidente da operação.
41	20-11.º	Cobaya. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 22.	-	Vivo em 18 de janeiro de 1893.
42	20-11.º	Coelho. Inoculação intra-craneana com emulsão do bolbo do coelho n.º 22.	10-12.º	Em 7 manifestou irregularidade nos movimentos. Estes symptomas exaggeraram-se nos dias 8 e 9 e foi encontrado morto em 10. A autopsia apenas revelou congestão nas meninges e no cerebro e coccidiase.
43	20-11.º	Cão. Inoculação intra-venosa com 1.º de emulsão em caldo com o bolbo do coelho n.º 22 e igual porção em inoculação sub-cutanea.	-	Vivo em 18 de janeiro de 1893.
44	20-11.º	Coelho. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 22.	5-1.º-93	Em 3 apresentou-se paretico do terço posterior, em 4 veiu-lhe a paralyasia que se generalizou, e morreu em 5. A autopsia mostrou apenas hypehemia cerebral e meningea.
45	21-11.º	Coelho. Inoculação intra-craneana com emulsão do bolbo do coelho n.º 4.	16-12.º	Em 14 de dezembro appareceu paretico; em 15 apresentou-se completamente paralytico e foi encontrado morto em 16. A autopsia revelou apenas congestão nas meninges e no cerebro.
46	22-11.º	Coelho. Inoculação intro-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 21.	-	Vivo em 18 de janeiro de 1893.
47	22-11.º	Cobaya. Inoculação sub-cutanea na coxa com pus da bexiga do coelho n.º 21.	-	Viva em 18 de janeiro de 1893.
48	27-11.º	Cão. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 27.	1-1.º-93	Apresentou-se triste e deixou de comer em 29 de dezembro. A autopsia mostrou corpos estranhos na pharynge, no esophago e no estomago, inflamação intensa da pharynge e do estomago, nephrite.
49	27-11.º	Coelho. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 27.	-	Perdeu o olho. Vivo em 18 de janeiro de 1893.
50	3-12.º	Cão. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 34.	-	Vivo em 18 de janeiro de 1893.
51	3-12.º	Coelho. Inoculação no cerebro com emulsão do coelho n.º 34.	21-12.º	Apresentou-se triste e com movimentos irregulares em 20 de dezembro, morreu em 21 com paralyasia geral. A autopsia mostrou apenas ligeira congestão do cerebro e das meninges.
52	5-12.º	Coelho. Inoculação intra-craneana, com emulsão do bolbo da velha.	19-12.º	A 16 de dezembro mostrou-se triste e com movimentos irregulares no terço posterior, em 17 appareceu-lhe a paraplegia e em 18 sobreveiu-lhe a paralyasia geral. A autopsia manifestou congestão do cerebro e das meninges.
53	5-12.º	Coelho. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo da velha.	22-12.º	No dia 18 de dezembro apresentou-se com irregularidade nos movimentos do terço posterior, em 19 sobreveiu a paralyasia e em 20 a paralyasia geral. A autopsia apenas mostrou con-

Numero	Datas das inoculações	Indicação das inoculações	Datas das mortes	Indicações symptomaticas e macroscopicas
54	5-12.º	Cão. Inoculação intra-ocular com emulsão de bolbo da velha e tambem sub-cutanea.	22-12.º	gestão das meninges e do cerebro e as manchas embollicas no estomago. Tambem se viram dois tuberculos sobre os grandes psóas. Começou a apresentar-se triste na tarde de 19, em 20 já estava paralytico, estado em que se conservou até 22 em que morreu. Não lhe foi visto nenhum ataque de furia. Pela autopsia reconhecem-se a existencia de corpos estranhos na pharynge, no esophago e no estomago, sem que n'este orgão houvesse inflammação. Todos os outros orgãos em bom estado.
55	7-12.º	Coelho. Inoculado no olho com emulsão do bolbo do coelho n.º 38.	24-12.º	Em 22 começou a apresentar-se triste e sem appetite e com marcha vacillante; em 23 appareceu paralytico, morrendo em 24. A autopsia manifestou ligeira congestão das meninges e do cerebro, e quatro manchas com embollias no estomago.
56	7-12.º	Coelho. Inoculado com emulsão do bolbo do coelho n.º 38.	22-12.º	No dia 20 de dezembro estava muito triste e tinha irregularidade de movimentos; em 21 sobreviu a paralytia geral. A autopsia revelou congestão do cerebro e das meninges e manchas embollicas no estomago, porém, poucas.
57	16-12.º	Coelho. Inoculação intra-craniana com emulsão do bolbo do coelho n.º 45.	25-12.º	Apresentou-se triste em 24. Foi encontrado morto em 25. A autopsia não revelou lesões explicativas da morte.
58	16-12.º	Coelho. Inoculação intra-ocular com emulsão do bolbo do coelho n.º 45.	5-1.º-93	Começou a apresentar irregularidade nos movimentos em 2 de janeiro de 1893, aumentando em 3; apresentou-se paralytico em 4 e morreu em 5. A autopsia revelou ligeira congestão no estomago e no intestino delgado e pontos congestivos no estomago.

Lisboa, 2 de março de 1893. — Antonio Roque da Silveira.